



FACULDADE DE INHUMAS – FACMAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

LUDIMILA LEMES ARRUDA FERREIRA

UMA REFLEXÃO SOBRE A QUESTÃO DA DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO

INHUMAS – GO
2022

LUDIMILA LEMES ARRUDA FERREIRA

UMA REFLEXÃO SOBRE A QUESTÃO DA DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas-FACMAIS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Manzi Filho

**INHUMAS – GO
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BIBLIOTECA CORA CORALINA - FacMais

F383u

FERREIRA, Ludimila Lemes Arruda
UMA REFLEXÃO SOBRE A QUESTÃO DA DISCIPLINA NA
EDUCAÇÃO. Ludimila Lemes Arruda Ferreira. – Inhumas: FacMais, 2022.

55 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Educação Superior de Inhumas -
FacMais, Mestrado em Educação, 2022.

“Orientação: Dr. Ronaldo Manzi Filho”.

1. Disciplina; 2. Poder; 3. Corpos Dóceis; 4. Mídia. I. Título.

CDU: 37

LUDIMILA LEMES ARRUDA FERREIRA

UMA REFLEXÃO SOBRE A QUESTÃO DA DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Inhumas – PPGE/FACMAIS.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronaldo Manzi Filho

Orientador e Presidente da Banca – PPGE/FACMAIS

Profa. Dra. Leilyane Oliveira Araújo Masson

Avaliadora Externa – UFG

Profa. Dra. Selma Regina Gomes

Avaliadora Interna – PPGE/FACMAIS

**INHUMAS – GO
2022**

**Aos meus pais (in memoriam), Maria Lemes Arruda e Francisco Alves da Silva Arruda;
sem eles eu nada seria.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado força e coragem para tornar possível alcançar esse sonho.

Ao professor orientador Dr. Ronaldo Manzi Filho pela competência, dedicação e cuidado em suas orientações prestadas durante a elaboração desse trabalho, e também por me apoiar e incentivar no desenvolvimento de minhas ideias.

Aos professores de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas-FACMAIS por todo o apoio e conhecimentos compartilhados.

Aos meus familiares e amigos por todo o carinho, confiança e incentivo nos momentos alegres e difíceis.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar uma reflexão sobre a disciplinarização dos corpos e a submissão da subjetividade nas instituições escolares. Assim, mostraremos análises e conceitos fundamentais pertinentes às ideias dessa temática, tendo por finalidade favorecer uma perspectiva reflexiva. Nessa linha de raciocínio, compõe-se na produção e desenvolvimento desse trabalho a contribuição dos escritos da pesquisadora e ensaísta moderna Paula Sibília. Ela, contemporaneamente, disserta sobre as relações entre corpos, subjetividades, tecnologias e manifestações midiáticas, e direciona seus pensamentos para o complexo território da educação e da escola. De acordo com essa escritora, a escola está em crise, pois os alunos sentem-se entediados dentro do ambiente escolar. Ou seja, nas paredes internas da escola, a figura do professor perde o valor e se enfraquece. Afinal, a escola ainda quer persistir com os métodos tradicionais de ensinar (disciplinares, por exemplo), montando uma estrutura pedagógica não compatível com a forma de vida contemporânea. Nesse caminho, a escola não condiz com as expectativas dos alunados. Por exemplo, as instituições de ensino não levam em conta como essa nova geração está fascinada por todos os tipos e meios de comunicação. Os educandos já não se sentem atraídos por aquela “velha escola” cheia de paredes sem conexões ou redes. Além disso, quando o estudante não aceita continuar dentro dessas velhas paredes e começa a se dispersar das aulas ministradas, a escola não busca compreender as possíveis soluções desse desinteresse em aprender de tal forma. Muitas vezes isso leva a equipe escolar a diagnosticar os alunos com possíveis problemas de distúrbios patológicos. Além do mais, há um discurso midiático salvacionista na atualidade, que está investido muito nas escolas, incorporando as políticas neoliberais para atender o mercado empresarial e tornado o estudante em consumidor. Ademais, para além dos escritos daquela pesquisadora, compõe-se também na construção dessa obra, as contribuições e pensamentos do célebre escritor contemporâneo Michel Foucault. Esse pensador analisa as relações de poder que há em todo meio social e como esse poder se desenvolve. Esse jogo de poder seria aplicado através de um conjunto de métodos, procedimentos e técnicas de controle tais como as instituições escolares, as fábricas, os quartéis e as prisões usam para disciplinar e tornar os corpos eficientes, eficazes, diligentes, prontos, rápidos economicamente, lucrativos e que não demonstram iniciativa e disposição política. Ou seja, corpos que não oferecem resistência e que se submetem a um controle social, político e ideológico. Além do mais, além desses estudiosos, contempla-se também nesses escritos as colaborações do filósofo moderno Immanuel Kant. O iluminista apresenta uma reflexão filosófica à educação. Para ele, uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo e a única causa do mal consiste em não submeter a natureza humana às normas. Neste sentido, o homem precisa, desde criança, de disciplina, de instrução para a formação do seu caráter. Com isso, poderão alcançar e adquirir um conhecimento aprofundado do mundo e terão uma postura crítica diante de informações ditas como verdadeiras no meio social. Ademais, esses valores permitirão assumir um posicionamento de respeito às normas, consigo mesmo e com o meio em quem vivem. Poderão ser, portanto, criteriosos, organizados, em busca da libertação da sua natureza selvagem para que possam trilhar o caminho da sua verdadeira liberdade. Pressupõe-se, portanto, um indivíduo autônomo, consciente e pensante.

Palavras-chave: Disciplina; Poder; Corpos Dóceis; Mídia.

ABSTRACT

The purpose of this work is to present a reflection on the disciplining of bodies and the submission of subjectivity in school institutions. Thus, we will show fundamental analyzes and concepts relevant to the ideas of this theme, with the purpose of favoring a reflective perspective. In this line of reasoning, the contribution of the writings of the modern researcher and essayist Paula Sibilia is composed in the production and development of this work. She, at the same time, talks about the relationships between bodies, subjectivities, technologies and media manifestations, and directs her thoughts to the complex territory of education and school. According to this writer, the school is in crisis, as students feel bored within the school environment. That is, on the inner walls of the school, the figure of the teacher loses value and weakens. After all, the school still wants to persist with the traditional methods of teaching (disciplinary, for example), setting up a pedagogical structure that is not compatible with the contemporary way of life. In this way, the school does not match the expectations of the students. For example, educational institutions do not take into account how this new generation is fascinated by all types and means of communication. Students are no longer attracted to that “old school” full of walls without connections or networks. In addition, when the student does not accept to continue within these old walls and begins to disperse from the classes taught, the school does not seek to understand the possible solutions for this lack of interest in learning in such a way. This often leads school staff to diagnose students with potential pathological disorders. Furthermore, there is a salvationist media discourse nowadays, which is heavily invested in schools, incorporating neoliberal policies to serve the business market and turning the student into a consumer. Furthermore, in addition to the writings of that researcher, the construction of this work also includes the contributions and thoughts of the famous modern writer Michel Foucault. This thinker analyzes the power relations that exist in every social environment and how this power develops. This power game would be applied through a set of methods, procedures and control techniques such as schools, factories, barracks and prisons use to discipline and make bodies efficient, effective, diligent, ready, fast economically, lucrative and that do not show initiative and political will. In other words, bodies that offer no resistance and submit to social, political and ideological control. Furthermore, in addition to these scholars, the contributions of the modern philosopher Immanuel Kant are also contemplated in these writings. The Enlightenment presents a philosophical reflection to education. For him, a good education is precisely the source of all good in this world and the only cause of evil consists in not submitting human nature to norms. In this sense, man needs, since childhood, discipline, instruction for the formation of his character. With this, they will be able to reach and acquire an in-depth knowledge of the world and will have a critical posture in the face of information said to be true in the social environment. Furthermore, these values will allow them to assume a position of respect for the rules, with themselves and with the environment in which they live. They can, therefore, be judicious, organized, in search of liberation from their wild nature so that they can walk the path of their true freedom. Therefore, an autonomous, conscious and thinking individual is assumed.

Keywords: Discipline; Power; Docile Bodies; Media.

SUMÁRIO

10

1)1515

15

16

16

17

1.5 CULTURA LIVRE, ESCOLÁSTICA E CULTURA DA ÍNDOLE19

2)2222

23

24

25

26

3)2828

28

30

32

34

40

51

55

INTRODUÇÃO

A escolha desta temática se justifica na observação dos procedimentos disciplinares nas escolas contemporâneas, assim como a transformação da disciplina na vida dos indivíduos. Nesse sentido, impera-se o questionamento sobre o quão inserida e importante é a disciplina nas esferas de ensino, bem como nos âmbitos sociais, como também a maneira com ela é manejada, analisada e aplicada nesses novos tempos. Percebe-se que as ideologias disciplinares interferem na construção da subjetividade, bem como na forma em que ocorre a configuração da disciplina nos ambientes de ensino. Contemporaneamente, destaca-se como elementar na construção do conhecimento a utilização de dispositivos tecnológicos, assim como a emergência e a incipiência de uma nova conjuntura educacional desencadeada pelos aparatos digitais e as influências desses na constituição de uma nova realidade escolar.

A real situação desse século é que os indivíduos vivem em um mundo virtual em que as informações são rápidas, sem reflexões, sem espaço e tempo situável, fazendo-se crer que estão bem-informados. Com isso, corre-se o perigo de serem escravizados por dispositivos impositivos, tanto na política, como pelas mídias tecnológicas, que se mostram, entre muitas coisas, na compulsão pelo consumismo. O que se vê, em nossa análise, é uma cultura e uma educação que pouco estimula a reflexão e o questionamento dos fundamentos que consolidam a sua realidade; conseqüentemente, as pessoas tendem a ter um intelecto alienado e se fiam a ideias superficiais. Tudo isso se dá, segundo pensamos, devido a interesses ideológicos tal como define, por exemplo, Marilena Chaui:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado (CHAUI, 1984, p. 113-114).

Tal mecanismo incapacita-os de agir, tornando-os “escravos” de um sistema alienante em que vivem. Observa-se também, que as instituições sociais, com o propósito de garantir a ordem, o poder, a obediência, a submissão e a vigilância usam modelos e mecanismos ideológicos de forma sutil. Por

exemplo, utilizam-se de um sistema de vigilância visando que as pessoas vivam de forma “contrária” aos seus reais desejos. Essa engrenagem poderia tirar a liberdade, a independência, a autonomia e a capacidade do agir. Ou seja, mecanismos que podem apagar a constituição de quem se é, a maneira como vivem, podendo-os de serem plenos e livres.

Uma questão que se vê é: as pessoas não percebem que além de estarem conectadas, estão sendo controladas ao usarem as tecnologias de rede como ao escreverem e enviarem mensagens de textos em e-mails e redes sociais. Pior: sabem que são espionadas sem autorização; os seus ditos direitos são violados, sua privacidade e a sua subjetividade estão sendo atropeladas e desrespeitadas. Vê-se também como os seus atos, condutas, comportamentos, modo de vestir, falar e andar são “fiscalizados”. Infelizmente, ainda hoje, vivem sob uma espécie de regime autoritário que dita um modo de agir – padrões do que é certo/errado, do que seria bom ou mal, docilizando, aperfeiçoando, submetendo e preparando os cidadãos de acordo com uma intencionalidade de governar, fazendo com que as pessoas sejam ferramentas de produção e geração de lucros empresariais.

A partir destes argumentos, e considerado pensadores que abordaram as questões relevantes à questão da disciplina no estudo desse tema, escolhemos como referencial teórico três pensadores: Immanuel Kant, Michel Foucault e Paula Sibília. Cada um, em sua época, nos diz sobre a relação da educação à disciplina e suas consequências. Nossa escolha não é aleatória: desde o elogio à disciplina até colocá-la em questão. Nossa aposta é que podemos repensar questões centrais das formas de vida na contemporaneidade a partir de uma reflexão da concepção da disciplina nas escolas e na sociedade.

Tendo como objetivo pensar a questão da disciplina na educação, iremos apresentar de forma geral como esses três pensadores, em suas épocas, individualizaram nosso tema. Nosso método será interpretativo e tentará nos guiar para uma melhor compreensão de como a disciplina é um dos motes mais controversos na educação contemporânea. Iremos apresentar de forma pontuada as questões apresentadas sobre nosso tema primeiramente em Kant e, posteriormente, em Foucault. Não pretendemos nada exaustivo, apenas apontar as questões centrais. Por fim, iremos retomar o pensamento de Sibília na contemporaneidade sobre esse tema. A escolha se deu devido ao próprio caminho que essa pensadora percorreu para pensar o que se vive hoje nas escolas em relação à disciplina.

Lembremos, antes de tudo, que os séculos XIX e XX foram marcados pela rigidez de suas estruturas, bem como no demasiado controle e na glorificada disciplina com que eram configurados a maioria de suas instituições, em especial, as organizações de ensino. Todavia, um fator importante a ser observado quase que inerente a todas as épocas históricas é a rebeldia ou, ao menos, a crítica ao modelo pedagógico que sustentava cada período. Desse modo, por mais que a promessa da disciplina e seus profícuos resultados se apresentem e sejam explanados como tendo uma maior ordenação,

menos caos, maior domínio sobre os indivíduos, ainda assim ocorre um bombardeio de críticas e reflexões sobre esse sistema.

Um fato interessante é a análise de diferentes esquemas sociais e suas estruturas disciplinares. Percebemos, assim, com maior clareza, os pontos de mudanças e, conseqüentemente, de instauração de novas “fases” na história humana. Vemos uma desestruturação, críticas e reconfiguração da estrutura vigente, em que ocorre “massacre” a tudo o que se esteja relaciona a ele.

No campo educacional, a disciplina e o controle eram características essenciais da sociedade iluminista que herdamos. O rompimento com essa forma de ser, com os muros das escolas, nos deixa diante de novos paradigmas em que não sabemos ao certo como lidar. É porque estamos dentro dessa batalha que não sabemos ainda o que estamos instaurando de novo. Paula Sibilia nos diz:

Há algo que hoje parece óbvio e, em larga medida, simples: para escapar do confinamento, bastava contornar ou destruir os muros, algo que se conseguia enfrentando valentemente as hierarquias ou arrebatando as trancas com jubilosa rebeldia. Essa vitória com toques heroicos levava à conquista do romaneado espaço exterior, no qual não imperavam as odiosas normas dos regulamentos: as ruas das cidades, os bares e os cafés, o campo e o mar. No entanto, fugir do controle em que estamos “enredados” e sobreviver à saturação por hiperconexão parece bem mais difícil, talvez por se tratar de nossa própria batalha e por nela estar em jogo nada menos que nossas vidas (SIBILIA, 2012, p. 199).

Vê-se atualmente, com o advento das novas tecnologias, uma maior liberdade e autonomia dos indivíduos, bem como a inserção dos aparelhos tecnológicos no ambiente de ensino. Com isso, configura-se também uma grande independência na criação de conteúdos e a flexibilidade na maneira de fazer e produzir o conhecimento. Todavia, como toda realidade só é conhecida plenamente quando se tem um profundo diálogo e experimentação, já se começa a ficar evidente as suas vicissitudes e dilemas que vivem. Essas transformações mostram-se imperiosas e contundentes, uma vez que não são apenas os julgamentos da estrutura anterior que precederam essa logística, mas o advento de instrumentos, proporcionados pela evolução da ciência, que sustenta e fomenta essa remodelagem. Entretanto, todas as novidades na estrutura escolar ainda estão sob a organização e reformulações dos profissionais que constituem essa organização. Assim relata Sibilia sobre esse incipiente sistema escolar:

O novo ambiente propaga certa sensação vaga e amorfa, mas muito insidiosa, de que já não haveria forma de lutar contra o que existe: as coisas são assim e pronto, até porque não nos escapa que poderiam ser muito piores. Não obstante, talvez como nunca antes, embora o entusiasmo e as ousadias possam andar escassos, não faltam jazidas onde buscar ingredientes capazes de gerar novas armas e, com elas, tentar a proeza de ampliar o campo do possível (SIBILIA, 2012, p.199).

No entanto, as configurações contemporâneas sobre a educação que se pretendem revolucionárias se confrontam com grandes obras em que se condensaram e refletem sobre a estrutura

disciplinar. Esses trabalhos contemplaram as mais diversas esferas em que se produziam e transmitiam as ideias fundamentais de uma “boa educação”. Elas se fundamentam em reflexões que pressupõe a natureza humana, questões ontológicas, bem como as consequências de cada ideologia sobre os tempos e os povos abordados pela arte, filosofia e a ciência. Ou seja, elas se baseiam em um saber que sustenta a configuração do que se compreende por ensinar, por exemplo.

Tendo isso em vista, pensemos em obras como *Coração* (1886) do autor italiano Edmundo De Amicis; *O jovem Törless* (1906) do escritor austríaco Robert Musil, o livro *O apanhador no campo de centeio* (1951) do literato J. D. Salinger, além do clássico *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, como também Paulo Freire com suas obras e reflexões sobre a educação. Todas essas obras, principalmente o *Vigiar e Punir*, trazem reflexões e críticas sobre a constituição disciplinar do ensino. Outro meio em que vemos uma abordagem crítica e revoltosa contra os princípios que asseguravam a natureza social daquela época é a cinematografia; ela desempenhou uma função interpelativa sobre a disciplina e explanou, em diversos filmes, o resultado nefasto da aplicação exagerada do controle sobre os cidadãos bem como dentro das entidades de ensino. O cinema já refletia e começava a instaurar, mediante à sua hegemonia na cultura de entretenimento, uma incipiente estrutura demarcada pela resistência à disciplina. Os principais filmes que se destacam nesse tema são os média-metragem *Zero de conduta* (1933) de Jean Vigo; o clássico *Tempos modernos* (1936) de Charles Chaplin; *Os incompreendidos* (1959) de François Truffaut; *Crônica de um niño solo* (1965) de Leonardo Favio; *If* (1968) de Lindsay Anderson; *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989) de Tom Schulman.

Ademais, os artefatos auditivos culturais também executaram uma significância preponderante na análise e embates sobre o sistema da época. Os lançamentos musicais eram imbuídos de uma crítica sagaz e contundente sobre as esferas da sociedade, como também sobre a educação predominantemente coercitiva. Nessa perspectiva, à medida em que se adentravam e aproximavam do século XXI, o bombardeio e os julgamentos destinados à esfera social e, em predomínio, à educação, foram tornando-se cada vez mais incisivos e emblemáticos e com menos filtros e discrição.

Um produto simbólico dessa lógica é a música *The Wall*, produzida pela banda Pink Floyd. Ela retrata, de forma brutal e profundamente reflexiva, as consequências de uma conjuntura social, como também as instituições de ensino, marcada pelo controle e pela ordem excessivos. Nesse sentido, é percebido os “tentáculos” de uma política disciplinar disseminada em todas as esferas. O professor, figura caracterizada pela rigidez, inflexibilidade e impiedade com que tratam os seus alunos, representa, em consonância com as reflexões do pensador Michel Foucault, o micropoder, uma vez que a sua autoridade é exercida e possibilitada, em sua escala mais próxima, sobre os discentes. Diante dele, o alunado não desenvolve uma individualidade, nem tampouco pode manifestar quase que nenhum comportamento ou competência que desalinhe com os paradigmas da organização escolar ou padrões que o professor considere correto.

A música do Pink Floyd, em especial, retrata uma cadeia em que se envolvem vários integrantes do dispositivo pedagógico disciplinar. O docente tirano, ao encontrar-se em casa, é tomado por brutalidades – na mesma medida que ele exerce sobre os alunos: a sua esposa, que pode ser representada, nesse caso, como a figura pertencente ao macropoder, visto que exibe uma autoridade dentro de casa eminente ao professor, penaliza-o e o adverte, de forma expressivamente grosseira, sobre quaisquer atitudes que sejam inapropriadas para o seu padrão e ideal. Ao decorrer da música, retrata-se também discentes totalmente alheios de si mesmos e completamente alienados com a estrutura educacional, uma vez que caminham em cima de uma esteira para um trajeto que é semelhante para todos e que desemboca em um aparelho que é metaforizado por uma espécie de moedor de carne, simbolizando, por seu lado, que toda aquela estrutura opressora e disciplinar resulta em produtos inúteis, em “massa”. Em contrapartida, a música apresenta uma reviravolta, na medida em que todos os alunos se revoltam contra essa instituição e desencadeiam uma grande destruição da sua estrutura. Diante de todo esse movimento que chocou e rebateu as antigas conjunturas, foram surgindo, conjuntamente com o advento das tecnologias, uma nova organização em que o controle e a vigilância exagerada já não faziam mais sentido, como enaltece Sibília:

Não parece haver maneira de estabelecer um diálogo entre essas inquietas subjetividades tão contemporâneas, com seus próprios sonhos e ambições, seus estilos de vida e suas realidades cotidianas, de um lado, e, de outro, a parafernália escolar, com seus rançosos ritos disciplinares e sua inútil insistência nas diferenças hierárquicas, seu respeito surrado pela tradição letrada e sua aposta no valor do esforço a longo prazo (SIBILIA, 2012, p. 203).

Contudo, ao tomar a disciplina como sendo uma forma de ser que produza imperativos somente negativos, talvez se perca algo que tal concepção produzia de interessante na sociedade – já que a educação, por bem ou por mal, tinha uma dinâmica funcional. A exigência de uma mudança ainda nos deixa em dilemas: a disciplina, afinal, deve ser banida da escola? Ou deve se mudar somente seu foco? Questões como estas estão ainda abertas à discussão. Pensemos primeiramente a partir de Kant.

1) O HOMEM PRECISA SER CUIDADO, DISCIPLINADO E INSTRUÍDO PELO BEM DE SI MESMO E DA HUMANIDADE

O pensador Immanuel Kant tem uma visão positiva quanto à educação. Nesse sentido, ele acredita que uma educação de qualidade será possível através do aperfeiçoamento da raça humana. Para que isso ocorra, se faz necessário submetê-la, desde cedo, ao cuidado: ser disciplinado, educado e instruído. Sem instrução, por ser um ser natural, rude, selvagem e independente de qualquer lei, é cheio de disposições naturais inclinadas ao egoísmo. Em virtude disso, se faz necessário ensiná-lo normas, regras, bons princípios e deveres para consigo mesmo e para com os outros. Dessa forma, só assim será capaz de examinar sua conduta para que se possa fazer uma apreciação do valor da vida, de si mesmo e da humanidade. Kant escreve:

Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem, e a falta de disciplina é um mal pior que falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina (KANT, 1999, p.16).

1.1 A EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO HUMANA

Segundo Kant, “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 1999, p. 11). Nesse ínterim, o ser humano nasce incivilizado como os animais, mas a diferença entre eles, citadas pelo autor, é a percepção. Nesse contexto, os animais já possuem seus instintos desde cedo, tornando-os capazes de sobreviverem. Todavia, o homem, por sua vez, não nasce com esse instinto de proteção; dessa forma, precisa ser orientado a se proteger e desviar-se das inclinações de estupidez de sua própria natureza bruta.

Devido à natureza, o homem tende a uma autodeterminação e independência sem referência a qualquer lei. Kant afirma que “os animais cumprem o seu destino espontaneamente e sem o saber. O homem, pelo contrário, é obrigado a tentar conseguir o seu fim, o que ele não pode fazer sem antes ter dele um conceito” (KANT, 1999, p. 18). Assim, para viver em paz e harmonia no meio social, faz-se necessário educar o sujeito a não seguir plenamente a sua vontade, mas sim desenvolver disposições para o bem comum para lidar com sua liberdade. Por fim, para Immanuel Kant,

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humanidade espécie e seu destino (KANT, 1999, p. 19),

1.2 A DISCIPLINA AUXILIA O HOMEM A DESVIAR-SE DAS INCLINAÇÕES ANIMAIS

A disciplina deve ser trabalhada e ensinada desde a mais tenra idade na vida dos indivíduos, segundo Kant, pois eles são extremamente inclinados de forma natural à liberdade. Todavia, essa liberdade tem uma grande tendência ao egoísmo, a se fazer o que é bom somente a si mesmo, esquecendo-se do espaço do outro. Por isso, para Kant, “A disciplina transforma a animalidade em humanidade” (KANT, 1999, p. 12). Dessa forma, é preciso orientar as crianças, desde cedo, para o domínio e a repressão de comportamentos e condutas indesejáveis e prejudiciais, tanto para elas quanto para a convivência familiar e social.

Nessa perspectiva, a criança precisa ser consciente dos direitos e deveres a serem cumpridos, sabendo que as regras e rotinas ajudam a minimizar comportamentos destrutivos e as auxiliam a lidar com as adversidades e desafios que surgem no dia a dia. Além disso, as normas e os limites impostos com carinho e respeito no berço familiar e fora dele é saudável e ajuda a criança a viver em harmonia, tornando-as mais produtivas nos afazeres diários. Nesse ponto de vista, as crianças se tornam mais equilibradas, produtivas, organizadas, capazes de cooperar, ouvir e ajudar no bem-estar de si mesma e do outro com que convive. Além disso, segundo Kant, a falta de limites e de disciplina acarreta muitos problemas como a desatenção, a inquietação, a violência, o desrespeito, a desorganização e a falta de produtividade. Por isso, é de suma importância instruir os jovens a seguirem ordens pré-definidas e estabelecidas, visto que é fundamental para a convivência respeitosa e harmoniosa no grupo familiar e social. Assim, para Kant,

O homem é tão naturalmente inclinado à liberdade que, depois que se acostuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica. Ora, esse é o motivo preciso, pelo qual é conveniente recorrer cedo à disciplina; pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem. Ele seguiria, então, todos os seus caprichos (KANT, 1999, p.13).

1.3 A ARTE DE EDUCAR

Normalmente, os pais educam seus filhos da mesma forma que foram educados pelos seus genitores. Assim sendo, essa educação torna-se o exemplo pelo qual as crianças seguem e são submetidas. Dessa forma, para Kant, esse ciclo de ensino é denominado mecânico. De acordo com Kant,

Os pais, os quais já receberam uma certa educação, são exemplos pelos quais os filhos se regulam. Mas, se estes devem tornar-se melhores, a pedagogia deve tornar-se um estudo; de outro modo, nada se poderia dela esperar e a educação seria confiada a pessoas não educadas corretamente (KANT, 1999, p. ?).

Nesse sentido, o autor elucida que os pais devem educar seus filhos para o mundo em que vivem, preocupando-se com o presente momento, ainda que as instituições sigam outros princípios. Nesse ínterim, eles importam-se somente com seus próprios interesses e não com o bem comum. Seria necessário, portanto, que os indivíduos que compõem o quadro educacional fossem pessoas competentes, ilustradas e dotadas de generosas inclinações para o bem comum, que se interessam em educar o homem de forma racional para que eles possam tornar-se mais esclarecidos e autônomos. com isso, os cidadãos podem desenvolver sua plenitude para o bem, primando a prudência, civilização, gentileza no cuidado moral e que sejam capazes de escolher bons fins. Conforme Kant,

As pessoas particulares devem em primeiro lugar estar atentas à finalidade da natureza, mas devem, sobretudo, cuidar do desenvolvimento da humanidade, e fazer com que ela se torne somente mais hábil, mas ainda mais moral e, por último – coisa muito mais difícil, empenhar-se em conduzir a posteridade a um grau mais elevado do que eles atingiram (KANT, 1999, p. 25).

1.4 EDUCAÇÃO FÍSICA E PRÁTICA

A educação, segundo Kant, divide-se em física e prática. A educação física diz respeito aos cuidados materiais e ao corpo na infância; a educação prática consiste na formação do sujeito para que ele possa desenvolver sua humanidade e viver como ser livre.

Os cuidados físicos englobam as necessidades que os bebês têm de serem cuidados e protegidos desde a infância; por exemplo, através da amamentação do primeiro leite materno (para o autor, o alimento primordial produzido pela mãe é bom e útil à criança e é necessário, assim, que a mãe se alimente bem e preferivelmente de proteínas). Segundo Kant, “Para os filhos crescerem fortes e saudáveis, parece, portanto, que tudo depende da saúde de quem o amamenta e que o faz gozar de melhor saúde” (KANT, 1999, p. 38). Desse modo, não é apropriado substituir outros tipos de alimentos pelo primeiro leite produzido pela mãe, pois este colostro repleto de componentes tem um papel fundamental no desenvolvimento do sistema imunológico do bebê, protegendo-o contra infecções e fortalecendo-o contra possíveis patologias que podem causar a morte da criança. Kant sugere também que os pais tenham muito cuidado em não manter os recém-nascidos muito agasalhados, pois podem sufocá-los e impedi-los de movimentar os membros do corpo. Ademais, não é bom darem alimentos e bebidas quentes às crianças ou estimulantes de apetite, pois a fome deve ser provocada pelas ocupações do dia a dia.

Percebe-se, afinal, como a disciplina já está presente desde o nascimento para Kant. Continua assim, a indicar outras formas de comportamentos disciplinares: balançar e ninar os recém-nascidos

quando estiverem chorando não é bom para eles, pois provocam náuseas e deixa-os mal habituados.

Para Kant

Se acostumarmos os bebês a verem satisfeitos todos os seus caprichos, depois será tarde para dobrar a sua vontade. Deixemos, pois, que chorem à vontade, e logo eles mesmos ficarão cansados de chorar. Se cedemos, porém, a todos os seus caprichos na primeira infância, corrompemos desse modo o seu coração e os seus costumes (KANT, 1999, p. 43).

A criança também deve habituar por si mesma a trabalhar os movimentos do corpo e os órgãos dos sentidos através das brincadeiras infantis: correndo, pulando, carregando e levantando pesos; jogando bola, passando por caminhos estreitos, subindo montes, caminhando sobre bases balançantes, brincando de pião, atirando pedras num alvo, manejando e afundando etc. Dessa maneira, para corroborar a sua ideia, o pensador elucida: “Entretanto, não se trata aqui de brincadeiras, mas de brincadeiras com objetivo e finalidade. Assim, quanto mais o seu corpo se fortifica e se enrijece através delas, tanto mais se torna protegida contra as consequências corruptoras da lassidão.” (KANT, 1999, p. 57).

Na perspectiva kantiana sobre a educação prática, compreende-se o cultivo da habilidade, da prudência e da moral como princípios que devem ser assimilados pelas crianças. São eles que visam consolidar o caráter ao torná-los éticos, responsáveis e com boas condutas. Nesse cenário, segundo Kant, “Na educação tudo depende de uma coisa: que sejam estabelecidos bons princípios e que sejam compreendidos e aceitos pelas crianças” (KANT, 1999, p. 96).

Além disso, segundo Kant, a habilidade é um conhecimento essencial ao caráter e ao talento e deve ser duradoura, bem fundada e praticada constantemente, pois é através dela que os jovens desenvolvem a compreensão interpessoal, a iniciativa, a capacidade de liderança, a autoconfiança e o autoconhecimento: “A habilidade deve, antes de mais nada, ser bem fundada e tornar-se pouco a pouco um hábito de pensar” (KANT, 1999, p. 85). A prudência, por seu lado, “Consiste na arte de aplicar aos homens a nossa habilidade, ou seja, de nos servir dos demais para nossos objetivos” (KANT, 1999, p. 85). Dessa maneira, para que isso ocorra, a prudência deve ser aprimorada, pois é através dela que as pessoas aprendem a escolher o que se faz benéfico para si mesmo e para os outros e, por conseguinte, distancia-se do que é maléfico, do que pode causar danos em nossas vidas e para a existência humana. Então, para Kant,

A educação deve também cuidar para que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência. A essa espécie de cultura pertence aquela chamada propriamente de civilidade. Esta requer certos modos corteses, gentileza e a prudência de nos servirmos dos outros homens para os nossos fins (KANT, 1999, p. 26).

Quanto à moral, o autor ressalta como há aspectos imprescindíveis para a formação de um cidadão do bem na estruturação de valores e normas estabelecidos por uma sociedade, como por exemplo: ter boa simpatia, bom temperamento, ser leal, altruísta, generoso, verdadeiro; não violar os direitos dos outros; domar as paixões; cumprir o que se promete etc. No entanto, esses conjuntos de princípios que podem ser denominados como corretos ou errados, permitidos ou proibidos, são sustentados de acordo com a cultura ou a sociedade em que essas pessoas vivem. Além disso, o que é dado como correto em alguma sociedade, pode ser imoral em outra. Em um contexto geral, a moral precisa ser trabalhada, pois ela traz civilidade às nações, independentemente dos valores a serem ensinados e seguidos. Dessa forma, para Kant,

Vivemos em uma época de disciplina, de cultura e de civilização, mas ela ainda não é a da verdadeira moralidade. Nas condições atuais pode dizer-se que a felicidade dos Estados cresce na mesma medida que a infelicidade dos homens. E não se trata ainda de saber se seríamos mais felizes no estado de barbárie, no qual não existiria toda essa nossa cultura, do que no atual estado. De fato, como poderíamos tomar os homens felizes, se não os tomamos morais e sábios? (KANT, 1999, p. 28).

O indivíduo precisa aprender, então, com profundidade as leis sociais e dedicar seu tempo em busca de conhecimentos. Contudo, é preferível uma menor quantidade de conhecimentos sólidos a uma grande quantidade de conhecimentos superficiais e sem fundamentos.

Como se vê, os deveres para consigo mesmo, citados por Kant, diz respeito à conservação da dignidade e do saber reger sua vida disciplinadamente. Não é de se estranhar que Kant afirma que o homem, ao procurar a satisfação de prazeres e desejos, pode propiciar a escassez de sua nobreza enquanto ser humano; ele deve evitar a embriaguez de seus desejos e vícios destrutíveis (KANT, 1999, p. 89). É preciso ensinar às crianças a lei que tem dentro de si, pois o homem torna-se desprezível a seus próprios olhos quando cai no vício (KANT, 1999, p. 99). É preciso, por fim, orientar as pessoas sobre a necessidade de examinar a sua conduta cotidianamente para que possam fazer uma apreciação do valor de sua vida em seu término (KANT, 1999, p. 107).

1.5 CULTURA LIVRE, ESCOLÁSTICA E CULTURA DA ÍNDOLE

Na visão kantiana, dividimos a cultura física do espírito em cultura livre e escolástica. A cultura livre é encontrada desde cedo nos indivíduos, uma vez que todos gostam de ficar ociosos e livres para buscar diversão, distração e entretenimento. Essa liberdade já se encontra naturalmente nas crianças desde o nascimento e proporciona benefícios para elas. No entanto, por outro lado, também provoca prejuízos, pois uma vida só de ociosidade impede a criança de se dedicar a outras atividades necessárias ao desenvolvimento humano. Assim, para Kant,

Certamente é bom exercitar a sua habilidade e cultivar o seu espírito; mas deve-se dedicar horários diferentes a estas duas espécies de cultura. Constitui grande infelicidade para o homem ter de ficar à toa tão frequentemente. Quanto mais ele se abandona à preguiça mais dificilmente se decide a trabalhar (KANT, 1999, p. 60).

De acordo com Kant, a cultura escolástica é adquirida no ambiente escolar, em que se busca do aluno um aprender sem distrações, com rigor, mas não de forma escravizante. Seria, portanto, na escola em que se trabalharia as potencialidades humanas, posto que elas progridem continuamente. Dessa forma, para Kant,

A principal regra é essa: não desenvolver separadamente uma potência por si mesmo, mas desenvolver cada uma, levando em conta as outras, como a imaginação a serviço da inteligência. Pois o que adianta ter uma grande memória e uma espiritualidade elevada se não tiver o juízo e a razão (KANT, 1999, p. 63).

É através da cultura que o indivíduo precisa desenvolver pouco a pouco as disposições para o trabalho, para as ciências em forma geral; ou seja, através dela, pode-se conscientizar os indivíduos a usar suas habilidades aprendidas de forma consciente e civilizada para se tornar um cidadão culto e responsável no meio social. Já no que diz respeito à cultura da índole, Kant reforça que ela se divide em geral e particular. A primeira diz respeito à habilidade e ao aperfeiçoamento físico e moral. Já a segunda, trabalha a imaginação, a inteligência, a memória, a atenção, a espirtuosidade e os sentidos.

Quanto ao que se refere à cultura geral, ela se divide ainda em física e moral. A física precisa ser ministrada através de orientações de pessoas qualificadas; através da prática e da disciplina os educandos serão orientados pelos mestres em relação ao hábito e ao dever. Já a moral não usa a disciplina, punições, ameaças ou hábitos, mas encarrega-se para que o indivíduo proceda segundo o princípio subjetivo da sua ação no sentido do bem comum. Em suma, expõe Kant: “Com efeito, todo o valor moral das ações reside nas máximas do bem. Desse modo, entre a educação física e a educação moral existe essa diferença: a primeira é passiva em relação ao aluno, enquanto a segunda é ativa” (KANT, 1999, p. 68).

Por último, em relação à cultura particular da índole, é preciso trabalhar a faculdade do julgar, que consiste em usar o entendimento da compreensão respeitando opiniões e comportamentos dos outros; exige-se concentração, de modo que faça com que o cérebro fique mais motivado. É através dela que direcionamos nossa consciência a um determinado objeto de estudo com o objetivo de selecionar, organizar e filtrar as informações de determinado assunto e a atenção que desempenha um importante papel no processo de *conhecimento*. Assim, Kant complementa: “A distração é inimiga de qualquer educação. A memória supõe a atenção” (KANT, 1999, p. 69). Contudo, devemos proceder de tal modo que busquemos por nós mesmos perseguir os conhecimentos, em vez de eles serem inculcados nas pessoas. (KANT, 1999, p. 71).

Essas concepções de Kant, como esboçadas acima, serviram de guia desde o iluminismo como um fim para se formar um cidadão. Como vimos, a questão disciplinar é tomada como algo desejado e mesmo necessária para que haja qualquer forma de civilização. Entretanto, no século XX, essa ideia de disciplina foi vista com outros olhos: como algo que torna os corpos dóceis, ou seja, como algo que enfraquece a capacidade crítica do indivíduo, pois tornaria todos “iguais” e submissos a uma certa forma de poder. Escolhemos, por isso, seguir a análise de Michel Foucault. Sabemos que esse pensador desenvolveu o tema sobre a disciplina em inúmeras passagens de sua obra. Pensamos que, dentro da economia desse texto, a obra *Vigiar e punir* expõe de forma mais clara o que visamos. Obviamente que a análise anterior e posterior de Foucault sobre a disciplina é fundamental na compreensão do tema. Mas tivemos que delimitar nosso estudo às questões basilares que ele nos traz.

2) CORPOS DÓCEIS E DISCIPLINADOS

O pensador Michel Foucault em sua obra *Vigiar e punir* investiga e aborda questões relevantes sobre nosso tema. Descreve, por exemplo, quais são os mecanismos, os discursos, os conhecimentos e as relações de poder que compõem a subjetividade. Nessa perspectiva, O filósofo inicia sua obra discorrendo sobre as práticas de um soldado do século XVII e XVIII. Ele mostra as diferenças e demandas de cada um deles. Segundo o autor, o soldado do século XVII é disciplinado e vai servir de estímulo para os indivíduos daquela época no controle das suas atividades; na organização das gênesis; e na composição das falas sobre os modos de poder que era realizado através de torturas, suplícios, punições físicas e todas as crueldades disciplinares que eram deixadas como exemplo para os demais. Até o século XVIII, as penas, os castigos e os escarmentos eram realizados através de torturas das quais o homem era esquartejado, queimado e punido até a morte.

Já na segunda metade do século XVIII, o corpo tornou-se o alvo do poder, com o objetivo de ser modelado, obediente e hábil. Todos esses esquemas de docilidade que eram trabalhados com muito interesse e cuidado não visavam um cuidado que favorecia e respeitava a subjetividade das pessoas, mas sim um cuidado de interesses a fim de impor novas regras comportamentais ao homem para exercer um poder que limita, proíbe e oprime, conforme a necessidade. Nesse ínterim, a tortura, que antes se dava através de castigos corporais, agora passa a ser a tortura da alma e da razão:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que a esquadrinha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças ela dissocia o poder do corpo faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2013, p. 133-134).

Segundo Foucault, o corpo se torna um objeto do poder, por isso, surgem diversos conjuntos de métodos e procedimentos de saberes para tentarem decifrar como esse corpo funciona – tal como em seus gestos, movimentos e rapidez. Por exemplo, na ideia de trabalhar a eficácia do movimento era feita uma investigação minuciosa de um conjunto de ideias fundamentais em torno das quais as normas se entrelaçam, se ordenam e se sistematizam, oferecendo infinitas possibilidades de criação de regras para docilização destes corpos. É esse sistema que vem se repetindo e sendo reestruturado segundo a finalidade de aplicação em determinadas organizações sociais como em escolas, hospitais, fábricas, empresas, quartéis e prisões, afirma Foucault.

2.1 A ARTE DA DISTRIBUIÇÃO

Um dos primeiros mecanismos que Foucault apresenta em sua obra, *A arte da distribuição*, tem como finalidade mostrar a divisão e a distribuição dos corpos em um lugar ou espaço específicos, fechando-os sem contato com o exterior. Essa separação denominada quadriculamento ainda prevalece na contemporaneidade; por exemplo: nos ambientes escolares, nos locais de trabalhos, nas empresas e fábricas. Dentro desse espaço, cria-se regras de divisão em pequenos ou grandes quadrados que facilitam a vigilância. Isso ajuda na economia de tempo de vigia, reforça o controle, aumenta a produtividade dos operários em uma fábrica ou empresa, assim como no rendimento de um funcionário e na aprendizagem de um estudante em uma escola.

Segundo Foucault, o espaço disciplinar constitui um ambiente analítico e é dividido em quantas parcelas possíveis e necessárias conforme a demanda das necessidades de cada uma das instituições de poder. Dessa forma, esse sistema de quadriculamento facilita na estruturação, na formação, na classificação, na organização, na monitorização, no controle e no aumento da produtividade do indivíduo: cada um ocupará um lugar para a produção de acordo com sua produtividade, méritos e qualidades individuais. Consequentemente, elevará a produtividade, eficiência e rentabilidade da sociedade.

Esses procedimentos de distribuição nas instituições sociais têm como foco hierarquizar e recompensar através de notas: notas boas dentro da norma, notas ruins fora da norma. Tal método proporciona mais eficiência, aumentando os salários e gratificações para os que conseguem atingir metas e diminuindo daqueles que não conseguem. Assim, a arte da distribuição servirá de análise para informar se os corpos estão dentro ou fora das normas estabelecidas e desejadas para se poder analisar e pontuar novas formas de procedimentos que precisem ser feitos para aumentar a produtividade. Que se leia:

O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 2013, p. 138).

2.2 O CONTROLE DAS ATIVIDADES

De acordo com Foucault, em *O Controle das Atividades*, tal controle era elaborado para garantir a qualidade e o ordenamento estável do tempo e o cancelamento de tudo que poderia atrapalhar/distrair facilmente os empregados. Na visão dos patrões, como o tempo é pago, os funcionários devem trabalhar de forma satisfatória/rápida e com foco na qualidade do produto. Os comandos de controle, por seu lado, eram desempenhados através de cinco mecanismos: o controle do horário; o controle do ritmo; do movimento; do corpo com objeto; e da produtividade e moralidade. Nesse sentido, esses comandos eram realizados por meio do posicionamento de todos os membros do corpo em contato com o objeto, como também, mediante a postura, os atos, os gestos e as articulações. Assim, toda essa estrutura física do corpo era ajustada para ser trabalhada com eficácia e com o máximo de rapidez.

Esses processos disciplinares existem prevalecem nos dias de hoje. Mais notadamente em nosso tema, em ambientes escolares. Nessa instituição, os alunos são disciplinados e docilizados; são manipuláveis e seguem as regras nessa lógica. Por exemplo, o controle do horário feito na escola objetiva monitorar a jornada de estudo: o momento em que os alunos entram para a sala de aula, os horários das aulas, o horário de descanso, de recreio, de entrada e saída; são exemplos de monitoramento. Essa administração é feita através de uma frequência eletrônica ou manual com um dispositivo denominado sino a fim de administrar, aproveitar e programar o tempo de estudo ou de atividades a serem realizadas sem prejuízos e perda de produtividade. Temos aí um novo corpo:

Ora, por meio dessa técnica de sujeição, um novo objeto vai-se compondo e lentamente substituindo o corpo mecânico – o corpo composto de sólidos e comandado por movimentos, cuja imagem tanto povoara os sonhos dos que buscavam a perfeição disciplinar. Esse novo objeto é o corpo natural, portador de forças e sede de algo durável; é o corpo suscetível de operações específicas, que têm sua ordem, seu tempo, suas condições íntimas, seus elementos constituintes. O corpo torna-se alvo do mecanismo de poder, oferece-se as novas formas de saber. Corpo do exercício mais que da física especulativa; corpo manipulado pela autoridade mais que atravessado pelos espíritos animais; corpo do treinamento útil e não da mecânica racional, mas no qual por essa mesma razão se anunciará um certo número de exigências de natureza e de limitações funcionais (FOUCAULT, 2013, p. 149).

2.3 A ORGANIZAÇÃO DAS GÊNESES

Em *A organização das gêneses*, Foucault dedica-se a mostrar como se forma um conjunto de métodos, procedimentos e estágios de aprendizado com esquemas de organização por graus de obstáculos. Esse propósito beneficia o controle preciso da capacitação dos indivíduos, a coordenação das suas funções e a observação de interferências e mediações necessárias para aprimorar esse controle. Ao final desse procedimento, espera-se obter o máximo de aptidões individuais condizentes às particularidades de tarefas específicas nas organizações sociais.

Foucault apresenta um exemplo de organização das gêneses mediante o relato de uma fábrica francesa de tintureiros e costureiros de Gobelins no ano 1667. O decreto que originava a fábrica dos Gobelins nós dá um vislumbre da estruturação futura de uma escola: muitas crianças daquela época eram escolhidas por um governante dos edifícios da realeza; esses aprendizes, durante certo tempo, deveriam ser instruídos por um mestre com o objetivo de serem educados e capacitados impreterivelmente. Esses mestres eram tapeceiros e recebiam um ressarcimento referente ao ensino de cada aluno; os aprendizes, por seu lado, ficavam alguns anos instruindo-se e faziam uma prova com objetivo de constatar se realmente estavam preparados para exercer a independência: se se encontravam aptos a altear e sustentar um estabelecimento comercial em qualquer povoado do reino. Além de serem educados e civilizados, os alunos começaram a adquirir uma transmissão de saberes artísticos para completarem a formação que tiveram anteriormente. Esses saberes eram divididos por classes, dias, horas e aptidões. Assim, durante esse ensino, os aprendizes eram avaliados, monitorados, comparados entre eles e recompensados conforme às suas evoluções individuais. Foucault relata:

Em 1131, um edito organiza uma escola de desenho para os aprendizes dos Gobelins: ela não se destina a substituir a formação com os mestres operários, mas a completá-la. Ora, ela implica numa organização do tempo totalmente diversa. Duas horas por dia, menos aos domingos e festas, os alunos se reúnem na escola. É feita a chamada seguindo uma lista afixada à parede; anotam-se as ausências num registro. A escola é dividida em três classes. A primeira para os que não têm nenhuma noção de desenho; mandam-nos copiar modelos, mais difíceis ou menos difíceis, segundo as aptidões de cada um. A segunda “para os que têm alguns princípios” ou que passaram pela primeira classe; devem reproduzir quadros “à primeira vista e sem tornar-lhes o traço”, mas considerando só o desenho. Na terceira classe, aprendem as cores, fazem pastel, iniciam-se na teoria e na prática do tingimento. Regularmente, os alunos fazem deveres individuais: cada um desses exercícios, marcado com o nome do autor e a data da execução, é depositado nas mãos do professor; os melhores são recompensados; reunidos no fim do ano e comparados entre eles, permitem estabelecer os progressos, o valor atual, o lugar relativo de cada aluno; determinam-se então os que podem passar para a classe superior. Um livro geral mantido pelos professores e seus adjuntos deve registrar dia por dia o comportamento dos alunos e tudo o que se passa na escola; é periodicamente submetido a um inspetor (FOUCAULT, 2013, p. 151).

Na visão de Foucault, a organização das gêneses é de compreender as técnicas da evolução da aprendizagem. Nesse exemplo, em uma organização corporativa do século XVII, que aplicavam um conjunto de métodos para avaliarem esses alunos, viu-se o tempo de formação para o trabalho. As séries eram subdivididas conforme o nível de conhecimento ao qual esses aprendizes se encontravam; os exercícios deveriam ser aplicados de forma constante e os progressos dos estudantes eram analisados através de um exame que se realizavam uma única vez:

A escola dos Gobelins é apenas o exemplo de um fenômeno importante: o desenvolvimento, na época clássica, de uma nova técnica para a apropriação do tempo das existências singulares; para reger as relações do tempo, dos corpos e das forças; para realizar uma acumulação da duração; e para inverter em lucro ou utilidade sempre aumentando o movimento do tempo que passa (FOUCAULT, 2013, p. 151).

2.4 A COMPOSIÇÃO DAS FORÇAS

O Quarto mecanismo descrito pelo pensador refere-se à composição das forças. Para isso, apresenta um estudo que se passou durante a época clássica: uma prática de articulações minuciosas do homem para elevar a eficiência do coletivo com associação de elementos e fatores que aumentem as forças de produtividade – combinações de indivíduos que ofereçam uma maior utilidade e uma maior docilidade. É isso que vai ocorrer nos batalhões e nas indústrias, em que um olheiro controla e vigia os demais.

Essa força produtiva ocorre igualmente nas instituições de ensino em que os alunos precisam dominar a linguagem de sinais, através de gestos e de comandos de um instrutor. Aqui não se fala em usar a força individual singular, e sim os movimentos que devem ser trabalhados de forma articulada, combinados uns com os outros a fim de serem instruídos cuidadosamente através da força do comando do educador. Essa construção e reconstrução dos corpos através de um sistema de sinais é um meio pela qual um sistema disciplinar se utiliza para facilitar o comando, a obediência e a docilização dos seres humanos. De um modo geral:

O sonho de uma sociedade perfeita é facilmente atribuído pelos historiadores aos filósofos e juristas do século XVIII; mas há também um sonho militar da sociedade; sua referência fundamental era o estado da natureza, mas às engrenagens cuidadosamente subordinadas de uma máquina, não ao contrato primitivo, mas às coerções permanentes, não aos direitos fundamentais, mas aos treinamentos indefinidamente progressivos, não à vontade geral, mas à docilidade automática (FOUCAULT, 2013, p. 162).

Pode-se concluir, pela exposição de Michel Foucault, que o corpo do homem, ao ser submetido a certas regras de dominação, para ser governado, deve ser manipulado, melhorado e aperfeiçoado. Eis, portanto, o ideal de dominação em manter cada indivíduo governável e dócil que se

torna de fundamental importância para o funcionamento da sociedade moderna – uma disciplina que só é possível por meio de um conjunto de regras, inspeções rigorosas e exames – três conceitos relevantes e essenciais para a concepção do pensador.

Nessa concepção, o indivíduo deve se portar de uma forma que sabe que está sendo observado segundo as normas. Ser vigiado serve para reparar os menores deslizes sem forçosamente dispor de agressividade. Por isso, o exame é uma das partes essenciais nesse mecanismo, pois ele é realizável a partir da inspeção e das regras. Como se percebe, o homem se torna um objeto de estudo e, como tal, manipulável.

Se esses princípios proporcionam o aperfeiçoamento do sujeito em estado de docilidade, pode-se dizer: temos o doutor estudando e medicalizando o paciente; o pedagogo classificando o discente; o encarregado observando o empregado; o general avaliando o militar; a comunidade como um todo avaliando cada um etc., para assim alegar se estão dentro ou fora dos padrões; e o que é necessário fazer para que aqueles que saíram desses padrões possam se adequar a eles.

Pelo que acompanhamos até aqui de Michel Foucault, as normas impostas pelas instituições sociais ainda prevalecem nos dias atuais, pois estamos inseridos em um sistema disciplinar no qual os indivíduos são manipuláveis. Mesmo que pensemos livremente, estamos sujeitos às normas e controles de outros, sendo nossas decisões geridas por uma forma de governo dada. Há, a nosso ver, uma ilusão de autonomia, porque nem sempre agimos de acordo com nossa vontade, tal como acreditamos; ou de acordo com nossos desejos e aspirações. Se os indivíduos não se adequarem às normas impostas, que são consideradas como algo normal, sofrerão uma série de sanções decorrentes do poder disciplinador das instituições controladoras. Como reporta Foucault:

Em resumo, pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza “táticas”. A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos que o produto das diferenças forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar. Nesse saber, os teóricos do século XVIII viam o fundamento geral de toda a prática militar, desde o controle dos exercícios dos corpos individuais, até a utilização das forças específicas às multiplicidades mais complexas (FOUCAULT, 2013, p. 161).

Tendo em mente as concepções de Kant e Foucault sobre a disciplina, podemos agora buscar fazer uma reflexão contemporânea sobre essa questão. Como anunciamos, escolhemos a pensadora Paula Sibilia para fazermos essa articulação.

3) AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES, E SUAS REDES E PAREDES

A modernidade tinha como um dos principais objetivos a busca pela ordem, pois nos levaria ao progresso. Assim, surgiu a concepção de sujeito disciplinado, subordinados às leis e aos padrões condizentes às necessidades de um sistema de controle. Estabeleceu-se o que fazia parte da sociedade e excluiu-se o que não fazia parte dela. Diante disso, para compreender o nosso contexto social atual, é necessário compreender os nossos processos históricos: como os povos viveram, se formaram e se desenvolveram; assim como as origens e as descendências das famílias.

A escola exerceu a incumbência de doutrinar, instruir, domesticar e corrigir os costumes dos indivíduos, preparando-os para a responsabilidade do trabalho e para o convívio social de forma harmônica. Desse modo, era valorizado o conhecimento letrado, e esse conhecimento era adquirido com o intuito de formar cidadãos para os modos de produção industrial. Nos diz Sibilía:

Como é bem-sabido, a irrupção dos tempos modernos significou um cataclismo de enorme envergadura na história ocidental e acabou fundando um estilo de vida sincronizado em escala planetária. Milhões de corpos se mobilizaram ao compasso dos ritmos urbanos e industriais, tutelados pelos vigorosos credos da ciência, da democracia e do capitalismo, rumo a uma meta então considerada indiscutível: o progresso universal (SIBILIA, 2012, p. 42).

Todavia, expõe Sibilía, a sociedade passou por várias mudanças, proporcionando transformações significativas e profundas nos modos de ser, viver, pensar e agir; as velhas ideologias em relação ao modo de ensinar na modernidade desmoronou. Nesse sentido, seria preciso agora garantir uma educação atrativa, que deixa de lado os métodos tradicionais que eram usados, substituindo-os com alternativas atraentes, como materiais didáticos inovadores em formato digital, disponibilidade de alternativas interativas, incorporar os aparelhos nas rotinas de estudo procurando tirar o maior proveito necessário para o ensino; e, claro, também ensinar o educando a lidar com essa nova gama de recursos midiáticos. Isso porque “A natureza humana não é imutável, constituída como uma entidade inalterável através das histórias e das geografias; pelo contrário, as subjetividades se constroem nas práticas cotidianas de cada cultura, e os corpos também se esculpem nesses intercâmbios”. (SIBILIA, 2012, p. 10).

3.1 A DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO MODERNA

O ser humano, ao longo de sua história, instituiu formas de se organizar socialmente. Anteriormente estruturado em pequenas populações, como em aldeias e comunidades, o homem percebeu a vantagem de se arranjar em conglomerados mais amplos; foi-se organizando e desenvolvendo no decorrer do tempo em sociedades maiores. Observa-se, desde a Antiguidade até a

Idade Moderna, a composição do corpo social em conjunturas devidamente definidas e delimitadas. Nesse sentido, o papel de cada integrante da população era perfeitamente estabelecido e rigorosamente seguido. Na Modernidade, todo esse encadeamento e conjuntura social eram disseminados e mantidos por intermédio das instituições de ensino. No entanto, na Contemporaneidade, toda essa configuração social encontra-se em profundo caos e em questionamentos cada vez mais contundentes. Como as organizações de ensino representam o meio para o qual se consegue formular, gerenciar e desenvolver qualquer estrutura sociopolítica e econômica que se espera encontrar, significa também que a sua arquitetura está em conflitos. Daí uma ideia de crise:

Entre tantas perguntas em aberto e cada vez mais difíceis de responder, em função de sua crescente especificidade e da dificuldade de imaginar alternativas para o nosso futuro, uma certeza é quase óbvia e poderia servir aqui como ponto de partida: a escola está em crise. Por quê? Os fatores que levaram a essa situação são inúmeros e sumamente complexos, mas um caminho para compreender os motivos desse mal-estar consiste em recorrer à sua genealogia: podemos pensá-la como um dispositivo, uma ferramenta ou um intrincado artefato destinado a produzir algo. E não é muito difícil verificar que, aos poucos, essa aparelhagem vai se tornando incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje. A escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI (SIBILIA, 2012, p.13).

Além disso, a educação manifesta o caminho para o qual confluem toda a logística de uma sociedade. Precedentemente caracterizada pela ordem e disciplina, o ensino anterior continha uma atmosfera firme e rígida na elaboração de seu planejamento. Até a Modernidade, todas as esferas sociais, em especial as instituições do conhecimento, eram pensadas e projetadas de acordo com os interesses de uma corrente vigente. Essa ordem era perfeitamente estipulada e estabelecida, representando um ideal rígido e inflexível a ser seguido por toda a população, enaltece a escritora:

Sem dúvida, foi uma estratégia sumamente ousada, que em contrapartida também requeria certas condições básicas para funcionar: além de estipular metas e objetivos, foi preciso estabelecer determinados requisitos de índole variada para que essa maquinaria pudesse funcionar com eficácia. Entre as exigências históricas a que a criação dessa curiosa entidade procurou responder figuraram os compromissos desmedidos da sociedade moderna, que se pensou a si mesma - pelo menos idealmente - como igualitária, fraterna e democrática. Por conseguinte, assumiu a responsabilidade de educar todos os cidadãos para que ficassem à altura de tão magno projeto, servindo-se para esse fim dos potentes recursos de cada Estado nacional. Era preciso alfabetizar cada habitante da nação no uso correto do idioma pátrio, por exemplo, ensinando-o a se comunicar com seus contemporâneos e com as próprias tradições por intermédio da leitura e da escrita (SIBILIA, 2012, p. 17).

A disciplina e todo o enredo que compõe a sua estrutura eram os fundamentos em que se sustentavam toda a conjuntura das instituições escolares. Além disso, por significarem e demonstrarem, ao longo da história, as bases essenciais em que se fortificaram a maior parte das

entidades sociais, verificou-se, por um tempo determinado, a produção de correntes que asseguravam essa conjuntura.

3.2 AS ORGANIZAÇÕES DE ENSINO E AS REDES EMPRESARIAIS

As instituições de ensino são organizações essenciais que fazem parte da conjuntura da sociedade. Elas são estruturas basilares na formação e destino dos indivíduos, bem como no desenvolvimento de suas subjetividades e ideais. A disciplina e a ordem configuraram, ao longo da história, os fundamentos e princípios que nortearam os rumos da educação. Além disso, diversas obras de pensadores renomados como Immanuel Kant analisou e delineou os princípios educacionais. Contudo, as novas eras e suas transformações, bem como o desenvolvimento de perspectivas ideológicas, reflexivas e visionárias instituíram novos padrões para a atualidade da educação. Um desses estopins para essa nova conjuntura é o advento de revoluções na ciência, como também nos meios tecnológicos e o estouro da Segunda Guerra Mundial. Essa, por sua vez, mediante o seu desencadeamento violento e brutal e a expressão de um fanatismo ideológico com raízes na segregação, inspiraram movimentos que bombardeavam, criticavam e faziam refletir acerca de princípios e conceitos que definiam as estruturas do corpo social. Esses fenômenos de guerras afetaram profundamente os regimes em que a adotaram e ocorreram, uma vez que as suas consequências e seus efeitos são sentidos e observados por um tempo demasiadamente grande, que são capazes de reordenar toda uma estrutura social vigente. Ademais, toda essa desorganização e ataque nas estruturas antecessoras, a principal entidade que teve os seus fundamentos abalados, questionados, repensados e redefinidos foram as conjunturas educacionais, visto que é nela em que se assenta o magno segredo do aperfeiçoamento da humanidade, como defendeu Kant. Desse modo, tornou-se contundente e irremediável a instituição de novos paradigmas nas organizações de ensino, como nota Paula Sibilia:

O quadro que acabamos de descrever, herdado de nossos antepassados imediatos, viu-se notavelmente transtornado nos últimos tempos, e a venerável instituição escolar não foi a única vítima dessas turbulências. Vários autores tentaram cartografar o território que emergiu dessa crise, cujas raízes remontam ao fim da Segunda Guerra Mundial e cujas raízes remontaram ao fim da Segunda Guerra Mundial e cujos corolários ainda se encontram em pleno processo de reordenação, embora ele já esteja adquirindo a consistência de um novo drama histórico (SIBILIA, 2012, p. 45).

Além da sociedade de controle e suas redes de vigilância sentidas e detectadas primordialmente nos ambientes de ensino, uma vez que são elas que instauraram e impuseram a sua maneira de suceder nas mais diversas esferas sociais, outras formas se mostram assombrosamente dominantes e autoritárias em seu modo de conceber o social. Nesse sentido, a partir da

desestruturação verificada nesses sistemas, uma vez desencadeadas pelas circunstâncias das tragédias históricas, inaugurou-se outras conjunturas demarcadas não apenas pela ordem e vigilância, mas associadas aos interesses de certas camadas sociais que também se mostram dominante em seus efeitos políticos e econômicos.

A estrutura educacional, como se vê na atualidade, não segue somente uma dinâmica associada aos conceitos de subordinação e acatamento, mas assegura uma performance bem mais flexível e disseminadora de uma política que resguarda uma pirâmide de interesses mercadológicos. O ordenamento escolar, que outrora configurava-se na aptidão observada na capacidade de corresponder a atributos educacionais e sociais, como o desempenho do aluno como indivíduo na sociedade, uma vez capaz de cumprir regras e leis sociais, agora remonta a um ensino com influências e a impregnação de conveniências do mercado. Assim, assegura Sibilia:

Outra característica basilar desse novo mapa é a entronização da empresa como uma instituição-modelo, que impregna todas as demais ao contagiá-las com seu “espírito empresarial”. Inclusive a escola, é claro, assim como os corpos e as subjetividades que por ela circulam. Essa nova mitologia propaga um culto da performance ou do desempenho individual, que deve ser cada vez mais destacado e eficaz. O grau de êxito obtido nessa missão já não é avaliado mediante o antiquado instrumental que catalogava a normalidade e o desvio, típico da lógica disciplinar; em vez disso, tal comportamento é medido por critérios de custo-benefício e outros parâmetros exclusivamente mercadológicos, que enfatizam a capacidade de diferenciação de cada indivíduo na concorrência com os demais (SIBILIA, 2012 p. 45-46).

O maquinário do ensino moderno transcreveu-se na transmutação de indivíduos em marionetes das ambições e desejos do mercado. Dessa forma, o sujeito, enquanto constituidor da estrutura educacional, bem como passivo, ordenado e educado por aquela entidade, representa um dispositivo imprescindível e passível às predileções da logística capitalista. Aquela estrutura educacional que outrora era essencialmente fundamentada na disciplina, reporta a sua dominância e assertividade na produção de indivíduos que sejam capazes de satisfazer, bem como conceber a genealogia do capitalismo. Estando na cadeia de formação da conjunção mercadológica, o sujeito estrutura-se enquanto meio e produto para a lógica desse sistema econômico; ele articula-se como produtor dos instrumentos que serão consumidos, como também assenta-se na posição de consumidor desses dispositivos fabricados. Concebe-se, dessa maneira, um sistema bem mais articulado e alienante diante do paradigma de formação do indivíduo enquanto parte do quebra-cabeça industrial.

Além disso, a ideologia perpassada para os indivíduos é a de competição dos indivíduos entre si – algo que desumaniza o sujeito –, como também a ideia de um sucesso direcionado ao que o cidadão é capaz de produzir e obter. Todo esse emaranhado de competências capitalistas é sustentado por pilares que disseminam o seu poderio e enraízam ainda mais as suas redes nos corpos sociais e suas organizações. Os cidadãos ficam, assim, alheios ao que lhe fazem “mover” e desejar. Aliás, toda

essa confluência é garantida pelas mídias, com seus propósitos particulares, através de propagandas, entretenimentos etc.

Vivemos em uma época em que os dispositivos tecnológicos são constantemente inovados, solicitando as pessoas a buscarem aparelhos cada vez mais avançados e poderosos. Isso ocasiona uma problemática característica da modernidade denominada obsolescência programada. Toda essa conjuntura desemboca e convergem para o mercado, uma vez que é ele que edifica e sustenta toda essa organização, visto que é ele que é suporte de toda essa dinâmica como ressalta Sibilia:

Assim se dissemina uma ideologia da autossuperação e uma busca pela elevação do rendimento que vai além das capacidades de cada sujeito e até dos limites biológicos da espécie, quando se procura alcançar estados pós-normais ou sentir-se “mais que bom” com a ajuda de produtos químicos e treinamentos específicos. Esses estímulos avivam a aspiração a efetuar atualizações constantes em todos os planos, inclusive o educativo. Tais atualizações devem ser articuladas graças a um bom gerenciamento de si mesmo sob moldes empresariais. Essa corrida, por sua vez, é constantemente acelerada e instigada por uma aliança tácita entre três vetores fundamentais da contemporaneidade: meios de comunicação, tecnociências e mercado (SIBILIA, 2012, p. 46).

Estando a escola dentro dessa lógica social, a escola também caminha nos mesmos moldes. Essa espécie de conjuntura transforma, molda e adentra os discentes aos aparatos das engrenagens do capitalismo. Desse modo, o sistema antes delineado pelos princípios da disciplina, agora é norteado e pautado dentro do jogo dos interesses das empresas. Como se vê, esse esquema mercadológico não manifesta o seu poderio apenas dentro dos mercados consumidores, mas em toda rede de demarcações e predomínio no interior das organizações de ensino. Por isso, a educação atual se mostra dentro dos moldes de uma conjuntura que adentra e afirma essa lógica – exatamente onde se propaga o conhecimento.

3.3 O PODERIO DO CAPITALISMO E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE OS INDIVÍDUOS

O poder e a necessidade de hegemonia sobre os outros indivíduos sempre fizeram parte da história do homem. Ao decorrer do tempo, as formas de dominação e a maneira como eles as obtinham foram sendo modificadas. Anteriormente, a supremacia e os interesses políticos e econômicos eram visivelmente mais coercitivos, ocorrendo guerras e uma imposição de interesses mais escancarada. No entanto, na contemporaneidade, a principal forma de poder é obtida pelo capital e adquirida por meio da moeda de troca ilustrada pelo conhecimento e o controle das novas tecnologias. Além disso, esse jogo de interesses socioeconômicos acontece de forma mais velada e utópica, mas implicitamente agressiva e alienante. Tais novas formas de exercer e perpetuar a

supremacia comercial moderna se dá pelo domínio e trabalho dos meios midiáticos e tecnológicos que são, por sua vez, comandados pelas grandes empresas.

A partir desse novo contexto da configuração em que se manifestam e se efetuam os desejos do mercado capitalista, entra em cena a predileção mercadológica por um profícuo e lucrativo consumidor que são as crianças. Diante da abertura que se oferece o desenvolvimento da criança no ambiente escolar, bem como sua natureza ainda isenta de inclinações e anseios, empreende-se e percebe-se a lógica capitalista de incluí-los como consumidores. Pontua Sibilía:

Segundo alguns dos argumentos expostos nas últimas páginas, a criança contemporânea teria abandonado sua condição de inepto a ser protegido educado, para se tornar um consumidor a ser conquistado e com um o qual se deve aprender. Poderíamos dizer que deixou de ser um aluno, mero destinatário da transmissão de um saber que o nutriria e iluminaria em sua futura trajetória cidadã, para se encarnar num ativo prossumidor ou produusuário, recorrendo-se aqui a neologismos surgidos da confluência entre termos como produtores, usuários e consumidores, em inglês, cuja aplicação vem se expandindo para outros campos. Nos últimos anos, o uso dessas expressões penetrou tanto nos discursos empresariais quanto em certos setores da pesquisa acadêmica, para fazer referência aos novos tipos de consumidores ou usuários “ativos” que contribuem com seus aportes para alimentar o acervo disponível na internet, por exemplo, embora sua utilização também perpassa práticas artísticas, jornalísticas, comerciais, educativas e políticas que ultrapassam as redes informáticas (SIBILIA, 2012, p.123).

Nessa perspectiva, o imaginário e o ideário capitalista, com todo o seu poder e influência sobre o corpo social, não abrange agora a preocupação apenas com a construção de um trabalhador eficiente e subserviente na produção de riquezas para o empresariado, mas dissemina e enraíza a sua atuação na formação de um consumidor ideal. Essa meta de supremacia é obtida através da dominação e manipulação das esferas de conhecimento, como as instituições de ensino. Dessa forma, os cidadãos ficam tão alheios ao conhecimento e aos próprios desejos que se tornam completamente reféns e marionetes dos propósitos empresariais. Podemos dizer, segundo Sibilía, que

As transformações do capitalismo são ambíguas, salpicadas de inúmeras continuidades e muitas contradições, mas costumam ser bastantes contundentes em seus efeitos: se o impulso industrial que acompanhou o surgimento das escolas tinha como meta a formação do bom trabalhador, o credo neoliberal que impera hoje se concentra na moldagem do consumidor perfeito. E isso não só no sentido de semear um tipo de subjetividade adequada a esse perfil, mas também no que se refere à moralidade e à armação jurídica que o “protege” e o “conscientiza”, abandonando-se assim boa parte das leis trabalhistas defendidas pelos sindicatos em sua época de ouro, para enfatizar os serviços de atendimento e defesa do consumidor que hoje proliferam (SIBILIA, 2012, p. 124).

Torna-se evidente a intenção de relocar, de qualquer forma, o espaço do cidadão dentro do sistema do capital: em uma dinâmica do sistema que ora figura o indivíduo como um produtor, ora como um consumidor, constituindo-os como meras engrenagens no aparato industrial.

3.4 O CONHECIMENTO, AS NOVAS TECNOLOGIAS E AS RELAÇÕES DA ORDEM E DO PODER

O conhecimento representa um parâmetro basilar que se configura nas características essenciais associadas ao homo sapiens. As instituições de ensino, como meio de transmissão do conhecimento, constituem-se como uma grande detentora de poder e também de dominação. Essa instituição apresentou ao longo do tempo padrões e formas de propagar a educação que se perpetuou quase que inviolável em sua maneira de ser. O quadro-negro, a participação mais ativa do docente e passiva do alunado, o regime castrador e punitivo das relações entre eles, a ênfase na hierarquização e na meritocracia como estimuladores e responsáveis pelo sucesso dos discentes eram atributos modelos de organizações da forma de ensino anterior. Com o advento das tecnologias de informação e comunicação, bem como da Era Moderna, a abordagem e os aspectos encontrados tanto nas configurações das sociedades quanto nas diversas entidades que compõem o corpo social, em destaque para a esfera da educação, apresentaram profundas e drásticas mudanças. Com efeito, essas transformações se verificam nas mais variadas organizações sociais e não manifestam um caráter estático. Essas mudanças que constituem um fenômeno permanente da atualidade são características da Modernidade. Além disso, o surgimento das tecnologias possibilitou uma maior autonomia e liberdade na captação de informações e conhecimento, como também possibilitou e fomentou a relação, comunicação e a troca de cultura e tradições, processo conhecido como globalização.

Nesse ínterim, a tecnologia conseqüentemente abrangeu também sua influência na maneira de propagar o ensino. A educação exibia anteriormente atributos alinhados com a doutrina carcerária, uma vez que se pautava na disciplina e repreensão. O controle não era realizado apenas por meio de fatores que afetavam a estrutura psicossocial do aluno, mas também na satisfação de seu desempenho em relação aos demais e a conseqüente incitação para a produção de resultados em relação aos outros. Esse controle se mostrava também na regulação dos alunos dentro de espaços e mediante um tempo pré-estabelecido, como assegura Paula Sibilia:

O modelo analógico da sociedade disciplinar foi a prisão, pois nela se inspiravam e decalavam todas as demais instituições, inclusive a escola. E seu principal mecanismo de poder era o confinamento, ou seja, o trancafiamento num espaço e num tempo minuciosamente pautados e regulamentados (SIBILIA, 2012, p. 174).

Os acontecimentos históricos que marcaram a contemporaneidade fomentaram, a partir do embate, questionamentos, reflexões acerca dos princípios que sustentavam a realidade antecedente, correntes ideológicas e, conseqüentemente, novas maneiras de ser do indivíduo, seja consigo ou socialmente. Surgem, portanto, conflitos inéditos que pairam a atualidade.

Dentre esses conflitos, uma das esferas que constituem tanto interesses individuais, quanto políticos e que compõe um âmbito essencial nas relações de poder da sociedade, se destacou: a economia. Ela também apresenta mudanças na maneira como lida com as novas tecnologias na vida das pessoas. Não por acaso, a educação não está tão focada somente na preparação de cidadãos aptos para socialização e o respeito e cumprimento de direitos e deveres individuais e institucionais; ela também trabalha no aperfeiçoamento de características que mais satisfazem o mercado de trabalho propiciando, assim, um ensino voltado para necessidades do meio empresarial e mercadológico, atrelado à utilização das novas tecnologias para alcançar seus objetivos. A forma que esse meio empresarial mais adentrou na vida contemporânea foi pelas redes sociais como afirma Sibilia:

Talvez essa instituição multifacetada e modelar que imprime sua marca no presente não seja tão somente o inefável espírito empresarial que tudo impregna, mas também - e quem sabe, mais precisamente - as redes de conexão global, como a internet. Ou o tecido sem fios de telefonia celular, ou então as redes sociais, como o Twitter e Facebook. Ou seja, recursos intensamente utilizados pelos colegas em escala planetária e que já vêm se infiltrando nas paredes da escola sem necessidade de derrubá-las fisicamente (SIBILIA, 2012, p. 174).

A educação tradicional como meio de transmitir conhecimento, disseminar padrões individuais e sociais de ordenamento do corpo social, expõe atualmente uma nova lógica de desempenhar-se; mas com similaridades fundamentais com aquele meio empresarial. Anteriormente, as regras e sua vigência eram realizadas pela coerção dos docentes sobre os alunos. A hegemonia do professor era bem mais fortificada comparada aos tempos atuais. Ele possuía uma autoridade que era embasada em um encadeamento de punições e penalidades e ele era, por seu modo, respaldado pelas demais hierarquias. A vigilância era sucedida de maneira clara e enaltecida, sendo praticada, todavia, não somente controlando os discentes, mas também todo o corpo que compõe o ambiente de ensino. O monitoramento era feito a partir de níveis de autoridades superiores sobre seu mais próximo inferior como, por exemplo, o diretor sobre o coordenador, o coordenador sobre o professor e o professor sobre os alunos. Contudo, com a maior liberdade dada pelas redes sociais que vivemos tanto socialmente quanto dentro das organizações sociais, ainda assim perpetua-se a ideia de controle; porém, de outra forma.

Essa nova forma de controle não se realiza a partir de uma autoridade e penalidade, nem de sua respectiva hierarquia. Ela acontece de modo geral, de maneira “facultativa” e manifesta-se de todos para todos. Esse meio de soberania sobre os outros em que se torna difícil a delimitação de sua influência é realizada pelos aparelhos e meios de tecnologias de comunicação e informação. Desse modo, ela não deixa de ser um meio de controle e vigilância e é, paradoxalmente, imperada sem a necessidade de um esforço exterior ao indivíduo: é ele mesmo que se vigia. E, mais paradoxal, faz isso com considerável entusiasmo. Essa rede de conexão é o que permite que cada pessoa se torne, agora, o inspetor direto sobre a *vida* do outro, e não somente sobre determinada atividade como era

feito em tempos anteriores. Toda essa interação de controle é apreciada e estimulada pelas pessoas, assim como Sibilia expõe:

Tudo isso realizado a toda hora por milhões de pessoas, à quais não incomoda o fato de estarem sempre localizáveis e disponíveis para contato. Pois esse meticuloso “trabalho” individual que agora realizamos, e que não deveria ter pausa, não é empreendido em obediência à pesada obrigação moral de cumprir regulamentos e evitar castigos, como ocorria sob a lógica do confinamento disciplinar; ao contrário, tudo isso hoje se faz por prazer. E desperta o interesse dos demais, tecendo-se assim uma rede muito eficaz de permanente controle mútuo (SIBILIA, 2012, p. 175).

Outrora o controle e a autoridade eram realizados por intermédio de padrões que exigiam toda uma política de comportamento e empenho de energia para o seu melhor procedimento; hoje, eles modificaram completamente a sua maneira de se efetuar. Antes, a vigilância sobre os indivíduos era feita por meio direto de pessoas e exigia uma postura de poder e soberania para que o seu poderio e ordem fossem validados, respeitados e cumpridos. Contudo, com o surgimento das tecnologias de comunicação, toda a configuração do cenário de fiscalização foi figurada por outra realidade. O que em outros tempos era realizado mediante a presença de indivíduos com uma postura previamente trabalhada para ter maior eficácia, agora é realizado pelas novas tecnologias, restando às autoridades apenas as atribuições de sanções necessárias.

Essa nova forma de controle, entretanto, não é “vendida” e nem propagada de forma coerciva, ela se dissemina por intermédio e sob a perspectiva de uma ideia de se estar conectado e atualizado com o mundo. Adentra-se nas redes onde se encontra praticamente todas as informações, notícias e conhecimentos que obtidos por meio de um “clique”. Ao lado do acesso às informações de um modo geral, abriu-se uma oportunidade e criou-se uma necessidade, particularmente atual, que nunca foi tão estimulante: o prazer de se expor. E isso, mesmo que seja de ações que são relativamente desinteressantes, como coisas cotidianas e banais.

Toda essa facultativa e deliberada exposição não é concedida por meio de estímulos ou por pressões externas, mas sim efetuada por um desejo que se tornou, curiosamente, necessário aos seres humanos. A escritora Paula Sibilia discorre sobre todo esse enredo de exposição de si através de sua obra *O Show do Eu*. Nesse escrito, a autora relata que toda essa exibição é perpetuada e estimulada por intermédio de algo tão particular e genuíno do ser humano: o seu ego. Desse modo, muito maior do que a consciência de se ser observado, impera-se mais o prazer e o desejo de ser visto. Assim, relata Sibilia

Em contraste com o instrumental já antiquado que escolas ainda insistem em usar, parecem ser mais eficazes as novas formas de atar os corpos contemporâneos aos circuitos integrados do universo atual. Embora essas novidades sejam mais sutis e até divertidas, porque agora estamos todos “livremente” conectados não só às redes, ao correio eletrônico e ao telefone móvel, mas também a outros dispositivos de rastreamento, como os sistemas de geolocalização do tipo

GPS, os cartões de crédito e os programas de fidelidade empresarial. E exercemos essas práticas com devoção cotidiana, o tempo todo, porque queremos e porque isso nos agrada. As crianças e os mais jovens parecem apreciá-lo especialmente, motivo pelo qual se dedicam a tais atividades a todo o momento e em qualquer lugar. (SIBILIA, 2012, p. 177).

Ademais, além de representar e possibilitar novas formas de conhecimento e interações, as novas tecnologias trouxeram consigo novos dilemas que são caracteristicamente modernos. Todo esse cenário atual, como toda nova era, retrata a demolição e ruptura com boa parte do antigo ordenamento que sustentava aquela época. Os tempos modernos é particularmente original e, sobretudo, mais emblemático, uma vez que ele não apresenta uma maneira constante e rígida de se manifestar. Nesse sentido, a principal característica da modernidade é, paradoxalmente, a sua indefinição. Isso porque tudo o que se figura agora, pode ser desconstruído logo depois. Além disso, outro aspecto magno da atualidade é a inexistência de padrões em todos os campos antropológicos e o vigor, portanto, de diversas maneiras de se constituir e manifestar as mais variadas formas de ser. Essa instabilidade é percebida em todos os campos sociais e é notada, em especial, na recente maneira de se transmitir o conhecimento.: ele está agora intrinsecamente conectado às tecnologias. Desse modo, ao mesmo tempo em que nosso tempo oferece um campo vasto de pesquisa e fontes de saber, como também modifica a maneira de se relacionar com o conhecimento, permitindo outras formas de aprender, as tecnologias instalaram também um novo paradigma. Ela abalou e desestruturou o encadeamento da relação professor-aluno, expondo, por um lado, novas formas de se inter-relacionarem, assim como, por outro lado, instituiu novos desafios a serem transpostos como ressalva Paula Sibilia:

Na sociedade da informação, já não há lugares, mas fluxos; o sujeito já não é uma inscrição localizável, mas um ponto de conexão com a rede”, afirma Cristina Corea. Nesse novo contexto, a velha ideia de compartilhar códigos e respeitar leis universais que sustentem a possibilidade de transmitir conhecimentos de cima para baixo – tão cara ao dispositivo pedagógico moderno – deixou de ser um mito para se converter num anacronismo. E nesse desmascaramento talvez resida a chave para compreendermos muitos equívocos e mal-entendidos que ocorrem nas escolas. A autora acima citada destaca a figura da impertinência para ilustrar essa “des-comunicação”, pois não se trataria de falhas na compreensão do código ou ruídos no canal, mas de algo muito mais radical: a flagrante inexistência de parâmetros instituídos para reconhecer os signos que são manejados nessas situações. “A comunicação requer que haja lugares para o emissor e o receptor”, explica, ao passo que a informação os apaga ou os anula em seu fluxo contínuo e veloz. Por isso simplesmente não haveria interlocutores nos choques entre professores e alunos que são tão habituais nos colégios contemporâneos, “pois tampouco há tempo para que se estabilizem os referenciais ou se estabeleçam os famosos acordos sobre o sentido (SIBILIA, 2012, p. 178).

O que se pretende agora, diante de toda essa nova realidade marcada pelo padrão da fluidez e da inconstância, em que nada permanece como é, é a necessidade de desenvolver um modelo que permita que essa multiplicidade, mas ao mesmo tempo desordem, estabilize-se e crie um caminho delineado e possível de ser seguido. Essa necessidade é sentida e verificada principalmente nos meios educacionais. As novas tecnologias apresentaram para o conhecimento ferramentas

incontestavelmente revolucionárias para a educação. A relação com o conhecimento é expressivamente diferenciada, diversificada e facilitadora. No entanto, como toda nova Era, impera-se a necessidade de adaptação de todos os indivíduos que fazem parte do corpo educacional. Desse modo, não se trata de reencarnar as configurações da estrutura anterior para o andamento da instituição educacional, mas apresentar novas formas de vivenciar o novo para o melhor aproveitamento de todas as suas faculdades, como ressalta a escritora:

No entanto, ainda que nada disso esteja garantido como algo preestabelecido e institucionalizado, sempre existe a possibilidade de produzi-lo: inventar em cada caso, com esforço e coletivamente, as possibilidades de encontro e diálogo, enunciando as regras e as condições que permitam habitar em conjunto cada situação. Nesse sentido, a proposta da semióloga argentina revela-se muito valiosa para os objetivos deste ensaio: “Não é restabelecendo os códigos deteriorados pelo esgotamento das instituições que vamos nos ligar aos outros.” Portanto, não se trata de tentar restaurar o que está fatalmente perdido, não só porque seria inútil, mas porque provavelmente não é desejável; ao contrário, seria preciso “pensar os modos pelos quais nos comunicamos sem supor um código compartilhado.” Mas as dúvidas são imensas: como dialogar, ensinar e aprender em novas circunstâncias tão desafiadoras? Talvez a resposta seja esta: instituindo em cada caso o papel do outro e o de si mesmo, pensando e enunciando sempre as regras segundo as quais serão organizadas as significações. Em face da contundência da lei universal, fincada no magno poder estatal, essa solução pode parecer fraca demais. Mas talvez convenha explorar as potências dessa fragilidade para dar à luz outra coisa, ampliando assim o campo do pensável e do possível (SIBILIA, 2012, p.178-179).

Uma vez que o modelo educacional anterior era pautado no controle por parte dos docentes e suas hierarquias, tanto na instituição da ordem, quanto na detenção do conhecimento, presidia uma grande e forte hegemonia por parte dos educandos. Entretanto, com o surgimento das tecnologias rompeu-se com todo esse paradigma. A educação apresentou novas maneiras do educador e do alunado relacionar-se, muito mais equivalente a uma maior liberdade e uma maior igualdade. Além disso, mesmo que o regime anterior insistisse em perdurar, o seu modelo já não era mais tão eficaz. Nesse ínterim, com essa maior liberdade e autonomia dos discentes, apresentou-se o momento perfeito para um movimento mais rebelde por parte do alunado diante dos padrões de educação anteriores, como enuncia Sibilia:

Para concluir essa parte do périplo, convém sublinhar que todas essas mudanças implicam uma bem-vinda libertação dos velhos mecanismos de ortopedia social: aqueles que massacravam diariamente os corpos nas sociedades modernas para adaptá-los a seus ritmos e com eles alimentar as engrenagens da industrialização. Contudo, para os fins desta pesquisa, caberia perguntar qual é a capacidade de a escola resistir a semelhante mutação, e se essa estrutura envelhecida estará em condições de se adaptar às novas regras do jogo, transformando-se de um modo efetivo e interessante. Vale lembrar que a ruptura que inaugurou este novo horizonte ao provocar a crise do modelo anterior foi, em boa medida, fruto do sucesso daquele projeto disciplinar em seus esforços de formação corporal. Esse “trabalho insistente, obstinado e meticuloso que o poder exerceu sobre os corpos das crianças” acabou provocando, segundo Foucault, um efeito de rebeldia contra tais poderes, que tiveram que recuar e reconfigurar suas forças para poder se adaptar ao novo quadro sem perder sua eficácia. Assim, todo esse estímulo disciplinador que foi descarregado nos corpos infantis e adolescentes resultou num despertar das forças corporais, com as decorrentes revoltas cujo símbolo é o mítico 1968, que

assinalamos. Afinal, foi naquele momento que os corpos dóceis, obedientes, esforçados, reprimidos, confinados, trabalhadores, disciplinados e úteis iniciaram sua alegre conversão para os corpos vorazes, ansiosos, flexíveis, performáticos, hedonistas, narcisistas, hiperativos, mutantes, consumidores, conectados e úteis da atualidade (SIBILIA, 2012, p. 179).

Pode-se considerar também, associado a esse novo cenário, não só a relação individual com essas tecnologias, mas da sociedade como um todo nas suas inter-relações. Dessa maneira, a economia, como também a política se apresentam de novas formas, utilizando-se de ferramentas tecnológicas como meio de concretizarem seus fins. Ou seja, os tempos modernos apresentam uma maneira de ser totalmente demarcada pela influência das tecnologias. Percebemos, afinal, que o mundo já não é mais o mesmo, principalmente em sua essência.

Podemos pensar que toda “nova era” exige uma nova forma de as pessoas lidarem com os impasses que época exige. Vivemos frente a uma heterogeneidade de paradigmas observados em todas as esferas da vida em que há uma relação profunda do homem com os instrumentos tecnológicos por ele criados. Essa dinâmica relacional trouxe novos desafios, inclusive pedagógicos, uma vez que, em muitos momentos, chega a ameaçar o próprio homem. Ao mesmo tempo, não se consegue imaginar uma nova era sem que as tecnologias estejam presentes. O que vemos é que esses aparelhos informacionais e conectivos não transformou apenas o modo como o homem estrutura e aparelha a sua condição, mas também a maneira como ele se define e interage com os seus semelhantes.

Nesse sentido, no âmbito educacional, aquela estrutura rígida e disciplinada que conhecíamos, em que se tinha como valor a figura do professor, não está sendo rejeitada e desarticulada de seu sentido apenas por interferência de aparatos digitais, como denuncia a escritora Paula Sibilia, mas também aquela estrutura se desmonta devido a novos caminhos que o ensino exige ao se considerar e estabelecer uma inédita grade curricular e de transmissão do conhecimento. Aliás, presenciamos a necessidade de uma maneira mais dinâmica de se relacionar com o alunado.

Há algumas décadas, essa nova dinâmica se dava pelo contato com novos autores e com o estudo em grupos, como nos relatam Paulo Freire e Ira Shor:

PAULO. Isso é interessante: no Brasil, houve alguns autores muito bons que me salvaram. Salvei-me através da leitura desses autores, quando tinha vinte e poucos anos. José Lins do Rego e Graciliano Ramos são dois desses autores. Jorge Amado, Gilberto Freyre, o grande sociólogo e antropólogo, que escreve muito bem, foi outra influência importante para mim. Mas esses autores não estavam preocupados em seguir a gramática! O que procuravam em suas obras era um momento estético. Eu os li muito. E dessa forma eles também me recriaram, como jovem professor de gramática, devido à criatividade estética de sua linguagem. Eu me lembro hoje, sem dúvida, como mudei o ensino da sintaxe, quando tinha mais ou menos 20 anos. A questão, naquela época, não era só negar as regras. Quando jovem, aprendi que a beleza e a criatividade não podiam viver escravas da devoção à correção gramatical. Essa compreensão me ensinou que a criatividade precisava de liberdade. Então, mudei minha pedagogia, como jovem professor, no sentido da educação criativa. Isto foi um fundamento, também, para que eu soubesse, depois, como a criatividade na pedagogia está relacionada com a criatividade na política. Uma pedagogia autoritária, ou um regime político autoritário, não permite a liberdade

necessária à criatividade, e é preciso criatividade para se aprender. Mas antes que eu fale de minha própria transformação, tenho curiosidade em ouvir mais a respeito de como você mudou da educação tradicional para a libertadora.

IRA, Quando comecei como jovem professor, recém-saído de pós-graduação, eu programava meus cursos hora por hora. Eu tinha um roteiro preciso do que seria a segunda-feira ou a quarta-feira. Estudava muito sobre como apresentar as regras da gramática, as formas corretas, e a arte de escrever. Os resultados não eram muito inspiradores, e então eu me perguntava o que estava errado, poucos resultados para tanto esforço. Reunia-me, quase que semanalmente, com outros jovens professores, para discutir nossas aulas, num programa experimental. Juntos, como uma equipe, ajudávamos uns aos outros, ensinávamos uns aos outros, nos reeducávamos no próprio local de trabalho, ano após ano. Os professores que querem transformar sua prática podem se beneficiar imensamente do apoio de um grupo como esse (FREIRE; SHOR, 1986, p. 20).

O interessante dessa passagem é que os pensadores relatam a necessidade de uma mudança, mesmo que essa mudança não seja a mesmo hoje. Nesse diálogo profundo e interessante do fazer educacional publicado com o título *Medo e Ousadia*, Paulo Freire e Ira Shor denunciam a inviabilidade e a incapacidade de sustentar uma educação conservadora, pragmática e metódica. Eles relatam a incompatibilidade de um sistema de ensino sustentado por paradigmas antigos diante de um mundo dotado de novas perspectivas e pluralidades, bem como acusam aquela conjuntura de ensino como castradora e desestimulante para todo desenvolvimento educacional. O que podemos apreender desse diálogo em nosso contexto, como retratam, é que a disciplina excessiva, além de levar a uma servidão cega e desmedida às regras, às instituições, aos instrumentos e delimitações de cada matéria, minavam a capacidade criativa e inovadora de emancipação a novos conhecimentos. Analogicamente, podemos pensar que em nossa era é preciso um processo de remodelagem, de ressignificação da educação que leve em conta a criatividade e a produção de novos conhecimentos e, conseqüentemente, de toda a organização social.

3.5 OUTRO MODELO DISCIPLINADOR DENTRO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

É evidente a hegemonia que as tecnologias exercem em todos os âmbitos da sociedade moderna, desde o meio individual até o coletivo, enfim, em todas as esferas de nossas relações. Esse poderio é sentido também com muita intensidade nos corredores das organizações de ensino. Nesse sentido, o seu prestígio é tão expressivamente demarcado que não se consegue elucidar uma educação sem a utilização dos aparelhos tecnológicos e seus subterfúgios. O ensino tornou-se totalmente refém das tecnologias e manifestou uma adesão aos aparelhos eletrônicos como instrumentos de educação:

Faz algum tempo que os gritos são ensurdecedores: a escola tinha que entrar em órbita e, de fato, o impostergável já está acontecendo. Na tentativa de atualização, lançou-se outra estratégia bastante ousada e geradora de incontáveis disputas: a que contempla os projetos inicialmente conhecidos como “um computador por aluno”. Após alguns anos de discussão e muitas dúvidas, estão sendo implementados em várias regiões ou em países inteiros da

América Latina, como o pioneiro Uruguai e, em seguida, a Argentina, enquanto permanecem em discussão ou como experiências-piloto em outros países, entre os quais o Brasil (SIBILIA, 2012, p. 181).

A Modernidade se apresenta como se vê como o oposto ou, ainda, combatente dos valores anteriores. A Era Contemporânea não representa apenas a configuração de novos valores que bombardeiam o antigo, como ocorria em todos os movimentos que precediam uma Era; ela ressignificou todos os valores essenciais dos indivíduos, instaurando, na verdade, uma fluidez de valores, em que o próprio indivíduo determina seu modelo de existência. Essa fluidez de valores vigora em todas as esferas sociais, em destaque, na educação.

Dentro da educação, foi a tecnologia que mostrou sua força. A escola era uma organização em que o conhecimento era obtido primordialmente por meio de livros e pelo saber do professor; era uma esfera estritamente estruturada e bem fundamentada na ordem e na disciplina (indicando valores morais e sociais). Por isso, exige-se atualmente a necessidade de uma revisão da maneira como o conhecimento é disseminado, uma vez que as tecnologias não mais se dissociam do modo de educar. As ferramentas modernas desordenaram toda a configuração iluminista de escola com o encaixe de tecnologias dentro das instituições de ensino. Essa nova configuração se tornou uma necessidade e representa uma nova perspectiva na forma de se fazer a educação, como assinala Sibilia:

Ante esse quadro e essa hipótese, quase todos concordam em que tanto a instituição de ensino, em geral, quanto o desprestigiado papel do professor, em particular, deveriam se adaptar aos tempos da internet, dos celulares e dos computadores. Por isso, apesar dos enormes investimentos de capital exigidos por esses programas, equipar os colégios e seus habitantes com tecnologia de ponta parece ser o primeiro passo para tentar vedar essa brecha (SIBILIA, 2012, p. 181).

Como algo novo, não sabemos ao certo o que a inserção dessas ferramentas tecnológicas pode ocasionar no sistema de ensino. Elas, por si só, apesar de serem administradas pelo usuário, proporcionam uma grande liberdade e autonomia para quem as utiliza, o que, em seu início, já choca profundamente com os critérios basilares da antiga estrutura educacional. Uma nova forma de indivíduo se constituirá com essas novas tecnologias.

É evidente que essas adaptações também são necessárias e até promissoras, mas seria ingênuo acreditar que solucionarão por si só os complicados problemas que foram discutidos ao longo desse ensaio. Com efeito, nem os computadores nem a internet nem os telefones celulares são recursos “neutros”, como se costuma dizer, cuja eficácia dependeria da utilização que lhes é dada. Ao contrário, como ocorre com todas as máquinas, essas não são boas nem más, porém tampouco se poder supor que sejam neutras. Carregam consigo uma série de valores e modos de uso que estão implícitos, por mais que sempre exista certo grau de flexibilidade, agenciamento, experimentação e apropriação por parte de seus usuários, mas isso não significa que não possuam sua própria materialidade e sua marca bastante característica (SIBILIA, 2012, p. 182).

Tínhamos antes um certo ideal de cidadão que se balizava no caráter da disciplina e da ordem que se configurava nas sociedades e que simbolizavam, antes de tudo, um terreno em que já se conhecia os seus frutos e resultados. Com esse caráter disciplinar tínhamos uma das bases da educação. Não se pode dizer que ela não era profícua em seu aspecto modelar de ensino, mas não talvez não se adeque à nossa era. Mediante a disciplina, tinha-se estabelecido um padrão que deveria ser seguido e satisfeito; caso houvesse sucesso em suas atribuições, como notas altas, padrão de comportamento, boas formas de tratamento, era-se, notadamente, um estudante de excelência. Contudo, as “ideologias” do novo tempo, bem como os acessórios tecnológicos desconfigurou nossos padrões.

Poderíamos dizer, seguindo Sibilia, que a moderna configuração de ensino ainda desenha muitos desafios, uma vez que o momento atual representa o tempo em que estamos vivenciando a inserção desses suportes tecnológicos e adaptações necessárias para esse novo sistema.

Sem dúvida, trata-se de uma atitude corajosa, repleta de riscos, mas também louvável apesar de seus custos altíssimos – não apenas econômicos –, que foi abraçada com entusiasmo e garra em vários países da região. Esse gesto implicou abrir as portas das escolas para a entrada dos novos dispositivos digitais, em de elas se entrincheirarem em seu interior mais ou menos impoluto como se fossem ilhotas de resistência em meio ao oceano hostil da contemporaneidade. Esse tipo de rejeição, habitualmente envolto numa roupagem defensora dos antigos valores em decadência, revela-se conservador no pior sentido e, além disso, é provável que seja estéril ou até suicida. No entanto, também não se devem ignorar os perigos implícitos no caminho escolhido: essa abertura histórica talvez seja equivalente a abrir a caixa de Pandora, já que ninguém sabe o que vai acontecer quando esses dois universos outrora incompatíveis – o dispositivo pedagógico e as redes informáticas – terminarem de se fundir ou, então, entrarem em colapso (SIBILIA, 2012, p. 183).

Como essa nova engenharia, a inserção dos acessórios tecnológicos como ferramentas de ensino está em processo de teste e ajustes. Vivemos um momento que demanda paciência, tolerância e estratégias por parte de todos os indivíduos que participam dessa mudança. A intenção primordial, uma vez conhecida o poder que as tecnologias exercem sobre os indivíduos e o seu irremediável domínio dentro das organizações de ensino, é adequar e adaptar, da melhor maneira, aquelas ferramentas com o propósito de propagação do conhecimento. Assim, é de se esperar que haja dificuldades nesse processo, uma vez que o sistema atual, comparado com o anterior, ainda carece de um tempo de distanciamento para uma reflexão. Sibilia nos diz de algumas dificuldades:

Todavia, vale a pena insistir nas dificuldades implícitas nessa meta. A conexão às redes dissolve o espaço – sobretudo aquele pautado pelo confinamento – mas também dilui o tempo, ambos como fontes capazes de organizar a experiência. Assim, esta passa a ser construída na pura velocidade dissolvente dos fluxos informativos (SIBILIA, 2012, p. 186).

Além disso, o desafio não se impera apenas na introdução das novas tecnologias dentro das escolas, mas apresenta outros impasses, pois modificou essencialmente a forma como as pessoas se

relacionam entre si. Anteriormente, o contato entre as pessoas era realizado, essencialmente, mediante a presença física. Quando esse contexto não ocorria devido a demanda de longas distâncias, fazia-se uso de cartas e telefone. Contudo, com os avanços tecnológicos, surgiu a internet e uma mudança até então inimaginável em nossas vidas. Uma das consequências da internet, as redes sociais, modificou profundamente as relações entre as pessoas. Ao mesmo tempo que nos aproxima, pois temos contato com qualquer pessoa no mundo desde que também esteja na rede, também nos distancia, porque tornou nossas relações superficiais, como ressalta Sibilia:

De fato, ainda que pareça contraditório com o significado mais evidente da palavra aqui usada para designar essa nova modalidade triunfante de relação com o próximo e com o mundo, a sociedade informacional não conecta, mas tende a desligar, dificultando as possibilidades de dialogar por uma experiência junto com os demais. Esse efeito se evidencia nos usos mais habituais do chat pela internet, que se configuram como mera “função fática”, por exemplo: algo parecido com o que costuma acontecer com boa parte das mensagens de texto ou na utilização do celular em geral, assim como o Twitter e do Facebook, de blogs e fotologs, e até dos vídeos divulgados no Youtube. Nesses casos, o canal não está a serviço da mensagem, mas ao contrário: serve tão somente como algo a que é possível nos agarrarmos para sobreviver à dispersão, mantendo-nos conectados. “Quando os jovens batem papo nos chats, eles não contam coisas uns aos outros, mas permanecem em contato; não se detêm para pensar no que lhes diz ao outro, mas ‘vão mandando o que sai’”, exemplifica Corea. “Não pensam no que dizem”, acrescenta, ao passo que “quando se escreve uma carta, toma-se tempo para lê-la, para corrigi-la”; nas condições atuais, entretanto, “dissolve-se não apenas o código, mas também a própria comunicação.” Por isso nessas práticas mais contemporâneas não haveria comunicação nem diálogo, mas contato ou interação, ou seja, aquilo que costumamos chamar de conexão (SIBILIA, 2012, p. 187).

Os meios digitais reconfiguraram o modo de se relacionar, não só na vida privada, mas também no meio educacional, posto que os limites que eram bem definidos entre os indivíduos, como do professor e do aluno, se confundem. Afinal, os instrumentos digitais perturbaram toda lógica de controle e disciplina; eles oferecem uma outra lógica de presença, que não precisa mais ser física, mudando inclusive nossa relação com a espacialidade e a temporalidade.

É de se esperar que, nesse primeiro momento de novidades e de adequação desses instrumentos tecnológicos, tanto na sociedade, quanto nas instituições escolares, não saibamos como tal irá se desenrolar. Além disso, como sendo pioneiros nesse processo de introdução de ferramentas novas no meio pedagógico, os jovens ficam alheios a essas mudanças. Considerados “neutros”, os dispositivos tecnológicos apresentam impasses; por isso sua inserção está sendo feita de modo pensado e analisado. Contudo, mesmo diante dos melhores cálculos, é de se prever que acontecerão intempéries inesperadas.

Que se veja: o modo tradicional de educação apresenta uma dinâmica em que a atenção e autoridade é exercida primordialmente pelos docentes e seus superiores; as tecnologias, entretanto, tiraram essa hegemonia. Outrora, as dispersões que apresentavam o alunado eram passíveis de serem administradas e controladas. Os meios tecnológicos tomaram agora a atenção dos alunos, competindo

com a presença do docente, acima de tudo em relação às novidades de informações e conhecimentos, como afirma Sibilia:

O meio informacional e midiático funciona multiplicando as conexões, em vez de atenuá-las, como costumava fazer a instituição escolar. Então, como conciliar as duas tendências e conseguir que se produza alguma aprendizagem? “O usuário eficaz dos dispositivos de informação é hipercinético, não só porque a velocidade da informação é a velocidade da luz, mas porque o meio informacional exige que ele esteja ‘a mil’, hiperconectado em diversas interfaces desarticuladas entre si”, alerta Corea. Esse é um traço imprescindível para os estilos de vida contemporâneos, não um distúrbio patológico, ainda que seja incongruente com o desempenho pedagógico (SIBILIA, 2012, p. 188).

Adequar-se a essa nova forma de escola apresenta, notadamente, grandes desafios, uma vez que significa, em substância, uma forma de ser com características opostas ao que vivíamos. Desse modo, faz-se necessário a criação de uma política educacional adaptada para a contemplação, de maneira mais eficaz, da propagação do conhecimento e da melhor relação entre docente e alunado no interior dessas novas técnicas. Isso implica, em um primeiro momento, na tentativa de controle dos dispositivos tecnológicos por parte dos docentes, tentando reproduzir o regime anterior de ensino; ou, ao menos, conduzir a dispersão permitida por esses aparelhos, assim como enaltece Sibilia:

O equipamento do professor, por sua vez, está apto a monitorar as atividades desenvolvidas nas máquinas dos jovens e pode inclusive bloqueá-las quando o considerar necessário. Essa possibilidade de controlar e interferir nos computadores dos alunos pode não se limitar ao horário de aulas nem tampouco ao perímetro do prédio escolar, dependendo do projeto de que se trate (SIBILIA, 2012, p. 188-189).

Isso evidencia uma negociação um tanto antagonista, já que permeia realidades distintas. Assim, o antigo regulamento que desenhava a estrutura disciplinar pode, talvez, tornar-se inviável a longo prazo. Os muros, o controle, a coerção que outrora significavam as bases da rede de ensino, podem não se consolidar e não ter validade diante dessa nova conjuntura. Isso manifesta uma queda não só do meio físico escolar, mas muito mais poderoso: a forma de relação que se passa agora a ser mais próximo de uma conexão transmitidas pelos instrumentos digitais. Assim afirma Sibilia:

Já não será preciso derrubar paredes, pular cercas ou esculpir por entre grades, nem sequer mediante o etéreo álibi dos sonhos ou da imaginação, pois os antigos poderes do confinamento estarão desativados pelas ondas sem fios que os atravessarão. Sem muita querela e com sigilosa “elegância”, mas também sem nenhuma possibilidade de reação. Fica claro, aqui, que nossa tragédia deixou de ser a opressão pelo confinamento e pela lei, simbolizada por figuras como o professor, o diretor, o pai, o panóptico, o regulamento, as advertências e as suspensões, o boletim e as paredes duríssimas que confiscavam vigorosamente o tempo cotidiano de cada aluno. Admitido esse deslocamento, não é difícil constatar que nem mesmo os recursos policiais incorporados aos computadores dos professores nesse tipo de programas, tampouco as câmeras de segurança que vigiam os edifícios escolares, funcionam exatamente como o velho panóptico, pois não se apoiam na lei nem na moral disciplinar que cultuava a obediência (SIBILIA, 2012, p. 191).

Nesse sentido, é incontestável a inerência dos dispositivos digitais dentro da performance escolar. Para além de suas redes de influência dentro das conjunturas de ensino, vigora-se a criação de outro modo de educar sustentado, ironicamente, pelos aparelhos tecnológicos. Considerado anteriormente como uma ferramenta que desestabilizava e desconfigurava o sistema antigo de educação, aqueles são agora estudados, trabalhados e estrategicamente manejados para uma moderna forma de ensino que também seja efetiva. Dessa maneira, muito além de representar apenas um artefato que colabora com as atividades dos meios de ensino, essas tecnologias possibilitaram e transformaram também a forma de fazer educação. No entanto, esses novos padrões não têm semelhanças com o que conhecíamos. Nessa perspectiva, os muros e as limitações espaço-temporal que eram em outros momentos parte essencial e significativa do processo de educar, foram completamente derrubados e desestruturados. O dispositivo pedagógico disciplinar, que era tão caro e prestigiado em sua forma de proceder, foi desarticulado de sua raiz. As novas tecnologias apresentaram, portanto, inéditas e flexíveis maneiras de suceder a educação que permitem uma maior liberdade e autonomia, tanto para os docentes quanto para o aluno.

É o caso, por exemplo, do denominado e-learning ou educação a distância; ele configura a possibilidade de um ensino mais abrangente socialmente e que modifica a nossa concepção de espaço-tempo. Nessa linha de raciocínio, o que despendia, outrora, da necessidade da inserção de um espaço-tempo para o cumprimento de uma atividade curricular, pode ser realizada, em muitos casos, apenas a partir do porte de um aparelho tecnológico. Isso notabiliza, portanto, outras fronteiras que o digital foi capaz de transpor. Esse novo modelo tecnológico de educação que agora se instala, não bombardeou e ressignificou fronteiras que outrora pareciam imprescindíveis, como o modelo pedagógico doutrinador e controlador, mas também ofereceu soluções para impasses que o parâmetro educacional anterior sustentava e seria incapaz de resolver apenas com a vigência e manutenção de si mesmo, como ressalva Sibília:

Assim como a relação professor-aluno em rede, talvez os usos escolares do tempo e do espaço – herdados de modo quase intacto do velho dispositivo pedagógico – devam também ser repensados e reformulados de forma radical. Um possível caminho para atingir essa meta seria incorporar as modalidades cada vez mais em voga de e-learning ou educação a distância. De fato, essas experiências estão em veloz crescimento em todo o mundo e parecem especialmente bem-sucedidas no caso do ensino superior, embora ainda haja certa desconfiança em relação à falta do contato físico promovido pelo confinamento espaço-temporal característico da educação formal moderna. Mas, em 2012, diante do impetuoso avanço dessa novidade, o Ministério da Educação brasileiro chegou a tomar a drástica decisão de vetar esse tipo de recursos no ensino médio, por exemplo, mesmo nos casos em que se trata de uma contemplação parcial das atividades presenciais. Ainda assim, de uns tempos para cá, essa modalidade começa a ser cada vez mais aceita, sobretudo nos programas educativos dirigidos a adultos: no Brasil, por exemplo, 15% dos alunos matriculados em cursos universitários já o fazem a distância. Essa cifra em intenso avanço inclui tanto os programas que poderiam ser qualificados como gourmet – destinados a profissionais em plena atividade que desejam se atualizar ou especializar, mas não têm tempo para desperdiçar com minúcias – quanto as ofertas fast food que se multiplicam no outro extremo do leque, com um perfil de clientela

“mais velha e mais pobre”, ou seja, aqueles que não podem se dar ao luxo de frequentar uma escola tradicional (SIBILIA, 2012, p. 192).

Apesar de romper com as limitações espaço-temporal, o ensino a distância ainda expõe muitas reflexões a serem consideradas para a sua melhor satisfação e desempenho. Por exemplo, esse modelo de educação apresenta algumas problemáticas ao se considerar a faixa etária do educando. É notável e perceptível a maior facilidade que os adultos conseguirão com esse modelo de ensino, uma vez que manifestam uma maior capacidade “subjéctiva” para a instrumentalização solicitada por esses aparelhos. Em contrapartida, as crianças, público primordial que merece uma atenção diferenciada na educação, não se adequa de maneira competente, com resultados profícuos, a essa forma de ensino, ao menos ao que parece. Isso acontece pela condição constitutiva da criança, na medida em que são indivíduos prematuros, com uma subjéctividade em formação e que depende de relações interpessoais físicas, que demanda afeto e atenção, por exemplo. Diz Sibilia:

De qualquer modo, para os adultos que desejam se capacitar, está claro que é mais sensato optar por essas ofertas mais flexíveis em termos de espaços e tempos. No caso dos adolescentes, e principalmente no das crianças, a situação é mais complexa, pois não se trata somente de receber um conjunto de instruções para o desenvolvimento profissional de certas habilidades, mas de um projeto mais amplo que inclui a socialização infantil no ambiente cultural e, fundamentalmente, um lugar para se estar durante certo tempo, em que quase todos os dias do ano (SIBILIA, 2012, p. 193).

É preciso, como vemos, reformular e repensarmos as regras que norteiam o andamento desse novo ensino. Na pedagogia anterior, as fronteiras e o domínio do ambiente eram realizados pelos docentes e seus superiores. Desse modo, toda a disciplina e ordenamento do ambiente ficavam a cargo de hierarquias pré-configuradas. Além disso, mediante sanções faziam cumprir as regras e imposições que cabiam a cada referente. Contudo, com a nova performance de ensino, que é contemplada e possibilitada pelas ferramentas digitais, a educação a distância estabelece outros modelos de normas e configuração. Antes, a estruturação e andamento de uma aula era de responsabilidade exclusiva do professor. Contemporaneamente, com o ensino a distância, esse paradigma se ressignificou, permitindo uma maior autonomia e liberdade por parte do discente. Em contrapartida, a disciplina e ordem que outrora era administrada pelos docentes e suas hierarquias, é agora concedida e realizada pelos próprios alunos; ficam sob suas incumbências as atribuições que em outros momentos eram vigiadas por outros.

Vale lembrar, porém, que isso é quase o inverso da vocação integradora e homogeneizante esgrimida pelo antigo dispositivo pedagógico. No entanto, há um detalhe importante: para aproveitar um programa e-learning, necessita-se de dedicação e perseverança, além de uma capacidade de concentração que permita estudar em ambientes não escolares. Por outro lado, cada aluno tem que organizar o próprio horário de estudos e, com frequência, é preciso conciliar essas atividades com um ou vários empregos. Por tudo isso, e apesar dos preconceitos que ainda estigmatizam a educação a distância, “muitas vezes, o aluno da educação a distância

é mais dedicado que o da educação convencional” conforme explica a pedagoga Claudete Paganucci, autora de uma tese sobre o assunto, ressaltando que aprender em casa exige disciplina e persistência (SIBILIA, 2012, p. 194).

Como todo novo paradigma, impera-se a dúvida sobre a efetividade desse novo modelo de ensino. E assim, diante dessas incertezas, realizam-se diversas pesquisas e observações acerca dessa incipiente perspectiva. Ambas as conjunturas expressam pontos negativos e positivos. A maior ênfase observada na modalidade presencial é a autoridade da presença. Já no repertório pedagógico “on-line”, oferece-se uma diversidade educacional que se configura na possibilidade de administrar as competências de seu currículo em qualquer espaço e tempo, na medida em que rompe com os paradigmas do sistema anterior. Além disso, uma das principais características da Modernidade, a conexão entre as pessoas, que é permeada pelos instrumentos tecnológicos, também deve ser repensada no ensino.

Se a transmissão do conhecimento, a comunicação, o contato eram realizados apenas dentro de um espaço pré-definido, todas as atividades, bem como meios de efetuação de qualquer exercício, ficavam delimitadas àqueles momentos demarcados e presenciais. Com o advento dos aparelhos tecnológicos, desencadeou uma forma de ensino mais versátil e flexível. A propagação do conhecimento, bem como o estabelecimento de uma comunicação que não esteja refém e subordinada ao contato presencial, é possibilitada mediante a “conexão”, interlocução e contato que é estabelecido pelas redes sociais de comunicação. Nesse sentido, percebe-se que os muros que outrora desenhavam e delimitavam não apenas o controle e supervisão dos indivíduos em processo educacional, como também definiam e sustentavam a sua marca como instrumento de poder e vigilância, agora transformaram-se em meros artefatos simbólicos.

Algo assim também foi constatado por Cristina Corea, a partir de sua própria experiência num seminário de pós-graduação efetuado nas duas modalidades, que ela mesma coordenou: “O presencial era supervalorizado em relação ao virtual”, concluiu a professora, embora sua hipótese inicial tivesse sido de que “a presença, o fato de compartilhar um espaço e um tempo instituídos, outorgava à situação pedagógica uma espessura, uma envergadura e algumas qualidades que o virtual não tinha”. Contrariamente a esse preconceito ainda comum, porém, descobriu-se que “a modalidade virtual permite uma sustentação do vínculo pedagógico que hoje a modalidade presencial não tem”. Isso em vários sentidos, inclusive no mais básico de todos: nos cursos universitários, os grupos presenciais costumam se encontrar uma ou duas vezes por semana, enquanto a interação on-line é muito mais frequente, pois a ubiquidade do dispositivo permite que cada um se conecte quando está em condições de participar, o que nem sempre acontece nas salas de aula comuns. Portanto, essa flexibilidade pode constituir “uma grande vantagem com relação à institucionalidade da aprendizagem presencial, que fixa um horário e um lugar, uma distância real que é preciso percorrer. Constata-se, assim, algo inesperado: dadas as transformações ocorridas na subjetividade dos estudantes - e dos professores - no contato crescente com as ferramentas digitais, a fluidez das possibilidades de conexão pode ser mais proveitosa para o aprendizado que a rigidez do confinamento (SIBILIA, 2012, p. 195).

Lembremos ainda que os dispositivos digitais não foram desenvolvidos, inicialmente, para a sua utilização e desempenho nos ambientes de ensino. Nesse sentido, é preciso uma adequação também para além do campo educacional desses aparelhos, tal como uma política de implementação que permeie a melhor maneira de utilizá-los. Um dos desafios, por exemplo, é que nem todas as pessoas sabem lidar bem com esses equipamentos – basta pensarmos na enorme desigualdade social inclusive ao acesso às tecnologias. Outro desafio é a questão da atenção do aluno, Sibília relata que os meios digitais vêm surpreendendo por prenderem mais a atenção dos alunos:

Além disso, outra surpresa com que esse tipo de experiências costuma deparar é que os efeitos da dispersão parecem mais insidiosos na sala de aula que na interação a distância. “A presença institucional, tal como foi pautada pela chamada modalidade presencial, que a rigor deveria ser chamada de tradicional, é altamente dispersiva”, afirma Corea, já que “a dispersão não está na internet, mas em nós”. Assim, por exemplo, além do cansaço e da corrente de distração, o exercício da opinião – que é outro dos obstáculos mais habituais à produção de pensamento – costuma se exacerbar na sala de aula presencial, ao passo que pode ser inibido nos debates mais formais cujo suporte é a palavra escrita, mesmo que eles ocorram via internet (SIBILIA, 2012, p. 195-196).

Nessa linha de raciocínio, muito além de apenas ferramentas tecnológicas, essas podem ser consideradas e trabalhadas como instrumentos pedagógicos eficientes na propagação do ensino. Outrora permeada e admitidas como uma ameaça ao sistema de ensino, mostram uma maior eficácia em certos pontos. Outro ponto positivo é que a internet, de uma forma geral, permite e possibilita a comunicação em contextos nunca antes pensados. Ela ultrapassa e supera fronteiras que em outros momentos representavam grandes desafios tanto para a sociedade quanto para a educação.

O que se percebe, portanto, não é uma confusão da problemática que se faz colocar no advento dessas novas tecnologias, mas sim nos princípios que respaldam a sua utilização. Além disso, a comunicação digital é configurada pela possibilidade de uma conexão que transpõe as fronteiras temporais e espaciais; as redes nos abrem a um mundo de comunicação como assinala a autora Paula Sibília:

Por isso as tecnologias de informação podem funcionar como estratégias coesivas e, de fato, são cada vez mais usadas como um apoio extra nos cursos tradicionais: montam-se foros de discussão e se enviam materiais complementares por correio eletrônico, por exemplo. Talvez coubesse, então, chamar de outra maneira essas novas práticas: a aprendizagem pelas redes informáticas não se define necessariamente pela falta da presença, pela distância ou pela experiência de uma ausência, mas pode constituir um tipo de vínculo mais produtivo que aquele engendrado no confinamento (SIBILIA, 2012, p. 196).

Assim, os instrumentos tecnológicos, ao mesmo tempo em que representam uma ferramenta inesgotável de fontes de pesquisas, bem como permite com facilidade um contato para a transmissão do conhecimento, também manifestam uma liberdade e flexibilidade diante da dinâmica do ensino. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que apresentam soluções e novos paradigmas para a educação

atual, também delineiam a necessidade de um suporte que definam as prioridades para tantas “novidades”. Esses instrumentos modificam a lógica de condensar e agregar o máximo de informações e conhecimentos em uma pessoa e passa a ser acessível a todos, sendo que cada um pode instruir a si, buscando com facilidade qualquer informação de que se deseje, não apenas de conhecimento, assim como ressalta Sibilia:

É claro que também será preciso aprender a lidar com a volatilidade inerente ao campo “virtual” caracterizado pela condição evanescente da informação, perante a qual é preciso desenvolver estratégias ativas de apropriação. Não se trata exatamente de armazenar e registrar, operações que são típicas do dispositivo pedagógico; aqui, em contrapartida, o desafio consiste em coagular e adensar o fluxo. “A acumulação ou o arquivo trabalham para a instituição do saber”, distingue Corea, enquanto “a coesão é necessária para transformar a informação em algo utilizável ou significante”. Agora, não basta registrar e armazenar, pois costumam faltar o tempo e a capacidade para filtrar ou metabolizar as informações que fluem constantemente e se acumulam às toneladas (SIBILIA, 2012, p. 196).

A realidade virtual dispõe de uma enciclopédia diversificada de quase tudo o que se procura e deseja. Dessa maneira, o conhecimento e a informação não são exclusivos e segmentados quanto outrora. Esse é um ganho inestimável, porque o saber era tomado como algo elitista, com ar de intocabilidade e inacessibilidade, concedido a poucos. Isso foi se desmoronado e se desarticulando mediante a globalização das tecnologias. O problema passa agora a ser “saber filtrar”, selecionar, conhecimentos, uma vez que os fluxos de informações são incessantes e a sua disseminação são extremamente velozes e rápidos. Diante desse conglomerado de novidades, quase que em todos os campos, faz-se necessário a coleta, a retenção e o ordenamento das faculdades realmente imprescindíveis para o melhor aproveitamento e conhecimento das habilidades necessárias para a específica esfera de ensino:

A subjetividade midiática não se sente ameaçada pela alienação do desconhecimento, mas pela sensação de vazio e pela desorientação: por certa perda de sentido derivada da falta de consistência daquilo que se lê ou se escreve nas redes, por exemplo. Por isso a necessidade de imprimir ou o hábito de tomar notas à mão podem ser pensados como vestígios das velhas práticas pedagógicas, assim como o desejo de presença na situação de aprendizagem; mas talvez também sejam estratégias tendentes a gerar certa densidade no caos centrífugo da dispersão. Se o saber ou o conhecimento que se transmitia segundo as regras escolares tradicionais podia ser excessivamente sólido e consistente, além de categórico e taxativo demais em sua ambição de representar a verdade, a informação sofre volatilidade e fragmentação (SIBILIA, 2012, p. 197).

Seguindo essa lógica, além da elaboração de um material que condense assuntos que permeiam a mesma temática, diante da diversidade de atualizações e informações que ocorrem a todo momento nos mais variados âmbitos do conhecimento, é necessária a organização também dessas novidades. Nessa perspectiva, é preciso que se realize um ajuntamento de temáticas, em que se compila e organiza o material, e que seja renovado constantemente. A Wikipedia, como relata Sibilia

em seu livro, grande site que oferece um vasto campo de pesquisa, adotou essa abordagem para a sua maior eficiência e suporte:

É uma mudança histórica mas faz sentido, não só porque o público está na internet, mas também porque esse suporte permite atualizar mais rapidamente os conteúdos”, explicam os editores. No entanto, ainda que tente se atualizar, essa obra parece inserida na lógica escolar de um modo comparável a como a Wikipedia encarna o que se está gerando agora. Não só porque esta última nasceu em rede, e essa ubiquidade constitui sua maior virtude – mesmo ao preço de eventuais imprecisões e bastante volubilidade – mas também porque ela se renova todos os dias em quase trezentos idiomas, graças ao trabalho voluntário de milhares de usuários de todo o mundo, e contempla 20 milhões de tópicos, enquanto sua ilustre ancestral letrada trata de apenas 75 mil assuntos (SIBILIA, 2012, p. 197-198).

Assim, parece-nos evidente a emergência e a iminência de um novo paradigma que redesenhe a educação. É necessária a abertura, flexibilidade e “jogo de cintura” para essas desafiantes implementações no ensino, uma vez que elas desestruturam o que conhecíamos. Além disso, essas mudanças, mesmo que representem riscos no modo de executar o ensino, são significativamente importantes, na medida em que as suas redes de influência já ultrapassam as protegidas paredes de outrora.

CONCLUSÃO

Como vimos, a disciplina e o controle impostos em excesso apresentou-se insustentável na contemporaneidade. Entretanto, a dominação dos avanços tecnológicos bem como as novas políticas e ideologias instauraram uma outra maneira de controle, ironicamente mais prevalente e eficaz; são ainda mais bem admitidos, ilusoriamente facultativos e disseminados que são, por seu modo, os aparelhos tecnológicos. Nesse ínterim, a vigilância e observação proporcionadas pelas câmeras e redes sociais, que outrora eram realizadas por autoridades previamente constituídas, são agora instrumentos que substituíram o antigo “Panóptico” e instauraram-se como o novo cenário. Vejamos como Sibilía nos retrata tal cenário:

O confinamento é uma característica essencial do regime que estamos abandonando porque seus dispositivos já não funcionam e toda e toda sua aparelhagem deixou de ser útil. Agora, um dos mecanismos mais eficazes para nos sujeitar não é o confinamento, mas algo que está muito associado à conexão permanente e voluntária: a dívida, tanto no sentido literal quanto no metafórico. Os sujeitos contemporâneos já não estão confinados, porém “endividados”, como bem detectou Deleuze, porque na sociedade de controle nunca se termina nada (SIBILIA, 2012, p. 204).

Os sujeitos são controlados, mas, ao mesmo tempo, tomam a liberdade como endeusada. A disciplina, por sua vez, é vista com repulsa por parte dos indivíduos. Viveríamos, então, uma espécie de desordem nas sociedades contemporâneas em que não se busca uma reivindicação e/ou ressurgimento da antiga estrutura disciplinar. A inconstância, as permanentes novidades, a variedade de possibilidades que são oferecidas aos cidadãos sobre as mais diversas atribuições, características do período moderno, exprimem um quadro de confusão e saturação que são sentidos pelos indivíduos. Desse modo, Sibilía expõe todos os pormenores que se observam desse ambiente contemporâneo:

Por isso hoje abunda a sensação de que o tempo é sempre insuficiente e escoar depressa demais, de que tudo é urgente e veloz, de que estamos atrasados e com várias dívidas simultâneas, plasmadas em coisas pendentes que jamais se poderão consumir. De fato, temos uma quantidade infinita de alternativas possíveis e uma suposta liberdade de opção em todos os planos, sempre decalcada nos moldes do mercado; além disso, acredita-se que, nesse turbilhão de possibilidades múltiplas, ninguém deveria perder nada. O problema é que, ao “sofrer por superfluidez”, nada é filtrado e pouco se assenta na própria experiência; em consequência disso, acabamos perdendo tudo. “É demolidora a sensação que temos de que as coesões são contingentes ou precárias, os projetos não duram muito e sempre é preciso recomeçar”, constata Cristina Corea (SIBILIA, 2012, p. 204).

Como Michel Foucault nos mostra, o confinamento era estabelecido não só nas instituições escolares, mas vigora nas mais diferentes instituições sociais. Hoje, vivemos uma era que se encontra

sob a constelação e jurisdição de redes sociais, em que uma parafernália de ferramentas nos vigiam. Assim, apesar de se romper com as artimanhas da cultura do confinamento, as redes de comunicação nos deixam sob a tutela de monitoramento. Essa nova forma de controle se mostra muito mais eficiente, visto que não apresentam “muros” que limitem a sua abrangência, como assegura Sibilia:

Acontece que a lógica da sociedade de controle em que vivemos funciona a curto prazo e é de rotação rápida, como explicava Deleuze, mas ao mesmo tempo é contínua e ilimitada. Enquanto cada uma das instituições disciplinares funcionava como um molde descontínuo, com regras semelhantes, embora específicas – da escola ao quartel, da fábrica ao asilo - , a articulação atual não precisa de muros divisórios para pôr em ação as suas modelações incessantes ao ar livre; em boa medida, graças aos dispositivos eletrônicos que cobrem toda a superfície global e respondam com extrema precisão. Por isso não são apenas as paredes da escola que se derrubam hoje em dia, mas também as de outras instituições panópticas como a prisão e o hospital público (SIBILIA, 2012, p. 204-205).

Vemos, portanto, a instauração de um novo paradigma. Este, instituído e propiciado pelas novas tecnologias. Nesse sentido, as redes de segregação, *no seu lado físico*, designada pelos muros, como também no âmbito ideológico, demarcada pelas regras e suas punições, formatos essenciais das instituições disciplinares, se perderam. Isso se deu de forma hegemônica, desde a arte à ciência; ou seja, uma crítica que não foi produzida apenas no confronto com a estrutura social e pedagógica disciplinar, mas provocada pelas ideologias, pelas mudanças de um novo tempo em que se vê instigado e estimulado pelas incipientes renovações que evocam a ciência, bem como o advento e a evolução de aparelhos tecnológicos.

Pensando a educação, com essas novas ferramentas, foi-se implantado um arranjo que, ironicamente, necessita de estudos e reajustes para que tenha uma melhor atuação, uma vez que, se não administrados de maneira inteligente, dão brechas para uma conjuntura demarcada por caos. Desse modo, ao mesmo tempo em que esses aparelhos digitais configuram uma derrubada de paredes que outrora constituíam e davam ordem a toda uma estrutura, concebem também uma logística que, surpreendentemente, também exige outra forma de vigilância – uma vigilância que não é realizada de forma evidente e com sanções claramente definidas, mas que se mostra mais efetiva e produtora. Isso porque esses dispositivos tecnológicos se tornaram mais competentes em sua maneira de monitorar; eles são eficazes de maneira horizontal, ou seja, em que todos observam todos.

O desafio, parece-nos, é compreender como pensarmos a partir dessas poderosas ferramentas de trabalho. Afinal, mesmo que a utilização desses aparelhos dentro dos ambientes de ensino apresente certa resistência por parte do dispositivo pedagógico disciplinar, a sua hegemonia e abrangência já são tão acentuadas e profundas que seria improdutivo a tentativa de sua exclusão dentro desses espaços. Pensamos que o esquema mais produtivo seja uma análise de sua integração nas esferas da educação, em busca de encontrar uma melhor forma de trabalhar com essas ferramentas.

Há ainda o desafio de se pensar como conciliar esses instrumentos de propagação do conhecimento, mas que se configuram também como altamente dispersivos na atenção das pessoas. Como não são aparelhos criados com uma finalidade puramente educativa, empreende-se a necessidade de uma política que contemple o melhor manejo desses instrumentos. Ademais, além de instalar um novo paradigma para as sociedades contemporâneas, visto que derrubam fronteiras que em outros tempos nem se imaginava, como exceder espaços físicos e longas distâncias, também possibilitaram, no campo educacional, a implantação de outras modalidades de ensino, como a educação a distância.

Todas essas atribuições e novidades, ao mesmo tempo em que inauguram uma nova conjuntura, tanto no campo social quanto na esfera da educação, uma vez que rompem com o antigo e demonstram características essencialmente inéditas para a sua iminente introdução, apresentam também magnos desafios e impasses que necessitam de pesquisas, análises, reflexões etc. para serem superados. A nosso ver, por mais que haja a tentativa de antecipar essas problemáticas, os impasses somente poderão ser completamente sentidos e observados, como também solucionados e administrados a partir da sua experimentação. Além do mais, para a sua melhor abordagem e utilização, é importante enaltecer e analisar todos os lados que constituem essa configuração, sem a imperiosa tendência de aderir a alguma direção ideológica.

Procurou-se, nesse estudo, produzir e desenvolver reflexões acerca da disciplina na educação e as transformações que aconteceram ao longo do tempo em seus princípios e estruturas. Essas mudanças ocorreram incentivadas pelas revoluções tecno-científicas desencadeadas no século XX, como o surgimento das redes sociais etc. Vimos como o controle e a ordem representaram, por muito tempo, o modelo em que sustentava os dispositivos escolares.

Vimos que a disciplina, a ordem e a vigilância apresentam suas redes de influência não apenas dentro das instituições de ensino, mas exerce a sua dinâmica em todas as organizações sociais. Nesse sentido, buscou-se analisar e embasar nossa temática em pensadores que se debruçaram sobre nossa questão. Kant discorre e enaltece a importância da educação dos indivíduos dentro de uma disciplina determinada. Para ele, os indivíduos são seres destinados à liberdade e à animalidade e, por esse motivo, é necessária uma instrução que tem como fundamento a disciplina. Nessa perspectiva, Kant estabelece uma concordância entre a educação e preparação das pessoas para serem cidadãos, com uma instrução disciplinada e rigorosa.

Destacamos também, como suporte para a elaboração dessas análises, a contribuição de Michel Foucault. Suas reflexões se voltam em vários momentos aos mecanismos de controle e

vigilância dentro da educação. Nesse estudo, nos focamos na obra *Vigiar e punir* de Foucault – momento em que delinea a lógica da disciplina dentro do parâmetro em que considera o monitoramento como a base de todas as conjunturas do corpo social. A ideia de que todos somos vigiados, numa espécie de Panóptico, como destaca Foucault, configura meio de exercer domínio e controle sobre os corpos. Percebe-se, nesse sentido, a vigência dessa composição em todas as esferas sociais, não somente dentro dos ambientes escolares.

Percebeu-se, esperamos, ao longo desse trabalho, que o controle/hierarquia que se via dentro das instituições, como a escolar, converteu-se com o decorrer do tempo em uma outra espécie de monitoramento realizada pelos instrumentos tecnológicos. A partir das perspectivas da escritora contemporânea Paula Sibília vimos que houve uma transformação da educação. Ela assinala a incipiente e inevitável mudança em que se deve passar o ensino, uma vez que tivemos o surgimento de meios tecnológicos que se propagaram por todo o globo e que sustentam e delinham uma nova realidade, como denuncia a supremacia das redes de comunicação na esfera da educação. A autora assinala os benefícios de um ensino que tenha o suporte das ferramentas digitais, visto que diversificam e enriquecem o aparato educacional. Contudo, ela demonstra também as dificuldades e riscos dessa nova empreitada, posto que funcionam também como uma rede que propicia a dispersão.

Nosso trabalho chega à conclusão de uma necessidade de seguir repensando as dificuldades que essa nova forma de ser contemporânea nos impôs na escola. Talvez a negação completa ou aceitação irrestrita dos novos meios de comunicação sejam precipitadas. Aos educadores cabe ainda uma análise de como lidar com esses meios e qual é o papel da disciplina na escola. Assim, ainda não nos cabe superestimar ou, por outro lado, demonizar a tecnologia, mas observar, analisar e manejar como a presença excessiva ou a ausência de disciplina pode acarretar no indivíduo e no social, em especial, nas organizações de ensino.

REFERÊNCIAS

- CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COREA, C. **Pedagogia del aburrido: Escuelas destituidas, familias perplejas**. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- DURKHEIM, É. **A educação Moral**. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 41. ed. Petrópolis, Vozes, 2013.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia – O cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: Fontanella, F. C. 2 Ed. Piracicaba: UNIMEP, 1999.
- SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: contraponto, 2012.
- SIBILIA, P. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.